

EXTRA, EXTRA: A UNE SAÍ YAG
RUAS PROTESTANDO
CONTRA O GOVERNO!

AGARDADA ANDA VENDO
MUITA NOVELA NA TVÉ!



BRASIL AGORA

ERA COLLOR, O BRASIL
DEIXA DE SER UM
PROBLEMA PARA O FMI.
AGORA É CASO
PARA O FBI.



ANO I Nº 21

17 A 30 DE AGOSTO DE 1992

CR\$ 4.500,00

RODANDO À BAIANA

*Sob a canga de ACM e com
o aval dos empresários a
Marcílio, Collor rebola
para não sair.*

PÁGINAS 8 E 9



VOLTA REDONDA:

*Como a CUT perdeu
o sindicato.*

PÁGINA 4

COLLOR SAI?

*A resposta pode estar
nas ruas.*

PÁGINAS 6 E 7

OLIMPIADAS:

*Porque o Brasil é
sempre mal-sucedido.*

PÁGINA 12

LULA PRESIDENTE

Sou auxiliar de administração de empresas. Outro dia estava lendo no **Brasil Agora** a matéria "Chega de Corrupção", achei excelente e resolvi escrever.

Quero deixar bem claro que o meu presidente é o Lula. Este ladrão, Pinóquio, que está desgovernando o Brasil, nunca foi nem será presidente de coisa nenhuma. Torço para ele sair escorraçado como um cão sarnento, pelo mal que está fazendo à nação.

Não é de hoje que eu e a minha família acompanhamos a trajetória política da luta do Lula e temos esperança de vê-lo como presidente, pois é o que este país precisa. Estou torcendo também para o Suplicy, nosso prefeito perfeito.

SÔNIA REGINA SANCHEZ
São Paulo, SP

LANÇAMENTO

Acaba de ser lançado pela Quilombhoje o livro *Cadernos Negros 15*, com poemas de dez autores negros de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro: Carlos de Assumpção, Celinha, Conceição Evaristo, Cuti, Eliane Francisco, Eliete Gomes, Esmeralda Ribeiro, Jamu Minka, Lia Vieira, Márcio Barbosa e Roseli Nascimento, "mulheres e homens, poetas de diferentes lugares e escrita variada, poetas que conhecem o prazer e a dor de deixar a emoção desaguar no texto, levada pelo fluxo musical do ritmo".

Contatos com Quilombhoje: Caixa Postal 58.142 - São Paulo - SP, Cep 01397.



PREVISIBILIDADE

"Uma tragédia anunciada", matéria de Aloísio de Moraes no **Brasil Agora** nº12, é de meu particular interesse, por eu atuar há quase vinte anos como geólogo de engenharia, envolvido com a problemática urbana.

O artigo pega a questão pelo cerne: previsibilidade. De fato, a maior parte dos fenômenos que ocorrem nos terrenos em processo de ocupação são previsíveis através de reduzidos recursos de investigação. O fenômeno da urbanização, a partir dos anos 50, levou à expansão acelerada e induziu



muitas cidades brasileiras a crescer em terrenos de características diferentes dos terrenos até então "tradicionalmente" ocupados. Eram várzeas de rios maiores, encostas íngremes que desciam dos topos organizados, morros que cercavam o vale original. Nem todos os "terrenos diferentes" eram naturalmente problemáticos, mas muitos tiveram suas características negativas agravadas e até tornadas artificialmente pro-

las ligadas aos seus planos diretores municipais.

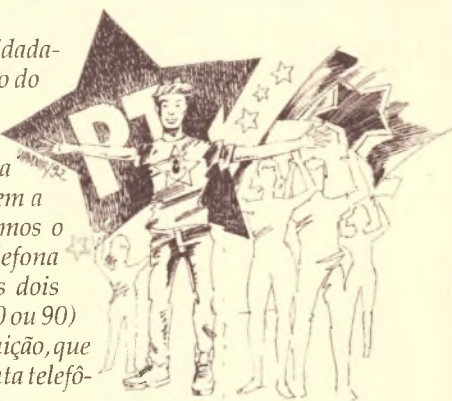
Com base, nesses trabalhos técnicos, especialmente as prefeituras de Petrópolis, Santos e São Paulo têm hierarquizado suas áreas-problema e aplicado medidas e obras que têm efetivamente reduzido os riscos e danos e, principalmente, perdas de vidas humanas.

FERNANDO LUIZ PRANDINI
São Paulo, SP

RENÚNCIA JÁ

"Transparência e Cidadania: no país onde o abuso do poder econômico nas eleições é a regra, quero que minha campanha seja ética e todos saibam quem a financia. Por isso, criamos o Tele-Suplicy. Você telefona para 0800-1313 e mais dois números (05 ou 10 ou 50 ou 90) registrando sua contribuição, que será debitada em sua conta telefônica.

Disque o Tele-Suplicy e faça parte da nova cultura política para o Brasil!"



EDUARDO SUP LICY

blemáticas pelo modo como a urbanização se reproduziu.

A partir dos anos 70 e principalmente na década de 80, um novo fenômeno se manifestou no crescimento horizontal da maioria das cidades brasileiras: as glebas deixadas para trás pela expansão passaram a receber moradias e obras de infra-estrutura implantadas de modo precário e pouco criterioso.

Estas glebas permitem às cidades "crescer para dentro". Geralmente são terrenos problemáticos e também refletem a penúria econômica, já que são palcos "preferidos" pelas invasões e favelas, que vêm sendo a opção de moradia para quem não tem opção.

Assim, encostas mais declivosas, grotões, cabeceiras de drenagem têm sido escavadas para implantar residências, vias de acesso, adutoras, galerias e várzeas mal drenadas e pior, aterradas: lixos urbanos, resíduos da construção civil, solos e rochas removidas em escavações e pedreiras e, até, resíduos industriais perigosos vêm sendo "destinados" a estas glebas, em operações clandestinas, que ocorrem antes, ao mesmo tempo ou depois do assentamento de moradias e outros equipamentos.

Os problemas herdados destes processos são tecnicamente previsíveis, portanto é imperioso que tal previsibilidade seja aprofundada e detalhada de modo que se estabeleça o que deva ser feito e por onde começar. Administrações municipais como as de Petrópolis (RJ), Cuiabá (MT), Campo Grande (MS), Recife (PE), Santos (SP), Jacaré (SP) e mesmo de São Paulo, em diversos níveis de aproximação, passaram a contar com as respectivas Cartas Geotécnicas embasando medidas de cunho emergencial com Planos Preventivos de Defesa Civil, e outras medidas de natureza normativa e legal, inclusive aque-

Acreditando na força da vontade política dos cidadãos brasileiros, proponho uma minuta de carta, a ser enviada ao presidente da república.

O endereço para correspondência é: Gabinete da Presidência da República, Palácio do Planalto, Praça dos Três Poderes, Brasília/DF, CEP 70.150-900

"Exmo. Sr. Presidente da República Fernando Collor de Mello:

Na condição de cidadã(o), que busca, através dos canais competentes instalados dentro da nossa sociedade, lutar pela democracia, expresso a V. Exa. a mesma opinião e vontade política que está evidente na manifestação de várias instituições em nosso país, que clamam pela destituição do atual governo e pela mudança na forma de governabilidade já exercida.

Não pertenço a nenhum 'sindicato do golpe', mas no entanto defendo a destituição do atual governo, a 'renúncia já'. Esta posição política tem por base dados concretos relacionados com o agravamento da crise política e social no Brasil, e pode ser perfeitamente observada nos indicadores de bem-estar social que demonstram matematicamente a miséria e o sofrimento a que estão sujeitos os trabalhadores brasileiros. Além disto, esta posição está baseada na evidência de corrupções, inconsistências, incoerências, inverdades, omissões, irresponsabilidades e leviandades praticadas pelo atual governo presidido por V. Exa. e que estão constantemente

denunciadas pela imprensa, parlamentares e cidadãos comuns."

CELI TAFFAREL
Campinas, SP

CEGA OU VESGA

A "Imprensa vesga" de Wladimir Pomar, **Brasil Agora** nº 15, pode acabar levando o leitor a cegueira completa. Nesse artigo somos convidados a seguir uma hipótese totalmente degradadora do socialismo. Comentando as revoltas em Los Angeles e outras cidades dos Estados Unidos, originadas do julgamento discriminatório que deu liberdade aos policiais espancadores do cidadão americano Rodney King, pelo fato dele ser um negro, o autor sugere o que a imprensa falaria desses acontecimentos se os EUA fossem um país socialista. Me dá arrepios que um negro num país socialista, por cometer ou não infração de trânsito, fosse arrancado do seu carro e espancado quase à morte. Sobrevivente, fosse à justiça reclamar o ato de policiais, que num julgamento dirigido só por brancos não condenassem os policiais também brancos, um caso explícito de racismo... Basta!

Se os negros num país socialista tivessem que viver tal humilhação e partir para o protesto do quebra-quebra para mostrar que são discriminados pelo sistema, não me importaria saber o que a imprensa burguesa falaria, e sim saber que socialismo é esse! Deixando essa hipótese no mínimo infeliz, o autor faz da "miséria sem causa" mais miséria ainda, com algumas elaborações imaginárias, sobre como seriam os comentários do presidente Miterrand. Nesta parte do texto eu comecei a me perguntar para quem deve ser esse artigo.

Muitos trabalhadores entrevistados por mim no ano passado no Nordeste brasileiro já não se lembravam espontaneamente qual seria o nome do presidente que atualmente senta em Brasília. Quem saberá quem é o Miterrand? O que o faz tão destacado para se gastar linhas caras, num jornal tão importante para os trabalhadores, com imaginações sobre comentários de alguém tão distante para 70% dos brasileiros que hoje passam fome? Para falar que o capitalismo no campo social anda muito mal nos Estados Unidos e no Brasil, não precisa elaborar propaganda sofisticada: esses brasileiros e os negros americanos que passam fome sentem isto a toda hora que o estômago deles ronca. Tive acesso a uma parte da imprensa "capitalista" alemã, que mostrou imagens das mazelas americanas, inclusive estruturais, sem sensacionalismo

Se é a opinião de alguém

de fora que vale, desconhecido por desconhecido, se tivesse dinheiro, eu iria lá entrevistar algum cidadão negro que estivesse presente nas revoltas e sofre por essa condição nos Estados Unidos. Isso dá muito mais base para discernir e julgar o capitalismo americano do que criticar a propaganda do Miterrand..

MARCOS GOMES
Munster, Alemanha

PUSTULENTA

Parabéns pela matéria "O povo mostra a cara", do **Brasil Agora** nº 19, sobre o ato público que lotou o gramado do Congresso Nacional para dizer um "basta" à impunidade pustulenta disseminada por Fernando Collor de Mello (sic). Aliás esta matéria e a entrevista do Leonardo Boff demonstraram uma profunda competência jornalística.

Sem dúvida, foram as melhores coberturas dos dois assuntos de toda imprensa do país. Isto não me deixa otimista quanto ao futuro do **Brasil Agora**, mas explica a grande acolhida em assinaturas que tem havido aqui em Brasília.

ANTÔNIO LASSANCE JR.
Brasília, DF

REGISTRO

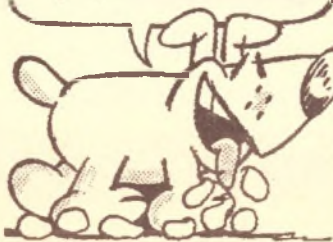
Recebemos o *Informativo* da X Feira Internacional de Havana; o *Canal da Voz*, órgão informativo do Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Telecomunicações e Operadores do Espírito Santo; o *Boletim Alô Amigos*. Recebemos também o *Informativo Dívida Externa*, publicado pelo Programa Educativo Dívida Externa e os santinhos do candidato a prefeito de Garapuava (PR), Carlinhos Marcondes.

BRASIL AGORA

DIRETOR: JOÃO MACHADO. **EDITOR:** RUI FALCÃO. **REDAÇÃO:** FLÁVIO AGUIAR, JUAREZ GUIMARÃES, MOUZAR BENEDITO, VALTER POMAR. **SECRETÁRIA:** ADÉLIA CHAGAS. **SUCURSAL RIO GRANDE DO SUL:** LUCIANE FAGUNDES, JOSÉ LUIZ LIMA E MARCO ANTÔNIO SCHUSTER. **COPIESQUE E REVISÃO:** CELSO CRUZ. **DIGITAÇÃO:** ELIZABETE D. DA SILVA. **EDITORIAÇÃO ELETRÔNICA:** CACO BISOL, SILVANA PANZOLDO E JOTA. **COLABORADORES:** ALAN RODRIGUES, ALÍPIO FREIRE, ALOÍSIO MORAIS, ANDRÉ SINGER, ANTONIO CARLOS FON, ANTONIO CARLOS DE QUEIROZ, ANTONIO MARTINS, BERNARDO KUCINSKI, BRENO ALTMAN, CARLOS E. CARVALHO, CELSO HORTA, CÉLIS, CINTIA CAMPOS, CLÁUDIO SCHUSTER, DENISE NEUMANN, EMIR SADER, EUGÊNIO BUCCI, FERNANDA ESTIMA, FERNANDO PAIVA, FLAMARION MAULÉS, FLÁVIA DE SAMPAIO LEITE, FLÁVIO LOUREIRO, DA COSTA, GENARO URSO, IVAN SEIXAS, ISAAC AKCELERUD, JOÃO ANTONIO, JOSÉ AMÉRICO DIAS, JOSÉ ROCHA, JUSTINO PEREIRA, KIPPER, LINETE MARTINS, MANOEL ALVAREZ, MARGA BRAGA, MARGA MOREIRA, MÁRCIO BUENO, MÁRCIO VENCIGUERRA, MARCO AURÉLIO GARCIA, MARCOS SOARES, MARIA LÚCIA BRANDÃO, MARIO AUGUSTO JAKOBSSKIND, MARINGONI, MARISA MELIANI, MARIZA DIAS COSTA, MIADAIRA, NELSON RIOS, NILMÁRIO MIRANDA, OHI, PATO, PATRÍCIA CORNILLIS, PAULO BARBOSA, PAULO ROBERTO FERREIRA, PAULO ZILBERMANN, PEDRO ORTIZ, PERSEU ABRAMO, RAMUNDO PEREIRA, ROGÉRIO SOTTILI, SÉRGIO CANOVA, SÉRGIO SISTER, WALTER ONO, WLADIMIR POMAR. A OPINIÃO DOS ARTICULISTAS NÃO REFLETE NECESSARIAMENTE A LINHA EDITORIAL DO JORNAL.

BRASIL AGORA É UMA PUBLICAÇÃO QUINZENAL DA EDITORA BRASIL AGORA LTDA. - ALAMEDA GIETE, 1049 - CEP 01215 - SÃO PAULO (SP). FONES: 220-7198/222-6318. FAX: (011)222-2865. **GERENTE GERAL:** HUGO SCOTTE. **ADMINISTRAÇÃO:** M^º ALICE DE P. SANTOS. **ASSISTENTE:** IVANILDA ALVES. **CIRCULAÇÃO:** JOSÉ LUIS NADAI, MARIA ODETE G. DE CARVALHO. **ASSINATURAS:** ANA MARIA ALVES, PAULO M. SOLDANO, GUIBA GENESTRA (DIGITAÇÃO) - FONES: 223-2974 E 220-7718. **EXPEDIÇÃO:** PAULO E. SOLDANO. **SERVIÇOS GERAIS:** ELISLANDIA M. FERREIRA, FERNANDO S. SIQUEIRA, JOÃO A. GUEVARA, LUCILENE B. SILVA, MARCELO L. C. PONTES. **IMPRESSÃO:** DIÁRIO DE MOGI. **DISTRIBUIÇÃO:** DINAP S/A. **TIRAGEM DESTA EDIÇÃO:** 35.000 EXEMPLARES FORAM IMPRESSOS NO DIA 14 DE AGOSTO DE 1992. **JORNALISTA RESPONSÁVEL:** RUI FALCÃO

CLÁUDIO HUMBERTO, PORCA-VOZ GUTURAL: AGORA BABANDO EM PORTUGAL!



PT

CAMPANHA DE FINANÇAS DO RS

DEPOSITE NA
CONTA 13.000-1
BANCO DO BRASIL
AGÊNCIA 0010/RS

**CONTRIBUA
PARA A VITÓRIA
DO PT**

O povo, vejam só, se move

Nos próximos 15 dias, o país aguardará ansiosamente o relatório da CPI. Diante de tantas evidências, os parlamentares mencionarão nominalmente o presidente. Em tempo recorde, terá início o processo de impeachment, consumado com o afastamento de Collor. Certo? Muito certo... mas ingênuo.

O caso é que os parlamentares governistas e a maior parte do empresariado talvez os mesmos que derrotaram Kapaz na Fiesp (página 11) - continuam apostando no cavalo collorido. Eles tentam armar mais uma maracutaia, ofertando verbas e mentiras em troca de votos e mais dois anos e meio de mandato (ver páginas 8 e 9).

É isto que torna urgente a mobilização. É preciso falar com cada um - porque ainda há quem não saiba, especialmente quem tem na TV sua única fonte de informação -, e é preciso mobilizar todos. Mirem-se no exemplo dos sanitaristas, dos que foram às ruas em Brasília, Porto Alegre,

Curitiba... e, para gáudio dos meia-oito, mirem-se no exemplo da estudantada paulistana (páginas 6 e 7).

O caso assim se resume: mais uma vez o cavalo passa arriado. Quem não montar, não venha depois chorar sobre o leite (ou a pizza) que derramou.

Ainda nesta edição: CUT perde eleições em Volta Redonda já se (página 4); trabalhadores rurais fazem manifestações em todo o país (página 5); em Vitória, administração petista tem altos índices de popularidade (página 10); o Brasil vai mal nas Olimpíadas porque não investe no esporte (página 12); e na página 16, nosso entrevistado é Marcelo Rubens Paiva.

O EDITOR

A ILUSTRAÇÃO DA CAPA É DE MARINGONI

OPINIÃO

PC, codinome Collor

A nação já tem - independentemente do relatório da CPI - como apuradas as responsabilidades do Sr. Paulo César Farias. Mas a opinião pública sabe muito mais, pois não duvida das relações negociais entre o presidente e seu mandatário. O presidente está envolvido diretamente, e por intermédio de supostos prepostos de existência física duvidosa, numa contaminação vexaminosa de contas bancárias, uma malha de delitos que o reúne a uma malta de estelionatários, rábulas de porta de xadrez, sonegadores de toda espécie, doleiros e lavadores de dinheiro sujo de origem sabidamente inconfessável, a cornucópia dos sócios do erário, os correntistas do alheio, os aproveitadores de todas as facilidades, reunidos agora em associações internacionais, onde cada meliante mais se esmera, mais se move e remove nessa dança farisaica de fórmulas e de pretextos que se constituem um escárnio à honra do homem comum, que trabalha e paga imposto, explicações estapafúrdias, de quem procura fazer a troca de grandes crimes por outros crimes de esperteza de vida curta, como se novos crimes absolvessem velhos crimes...

A Casa da Dinda celeremente se transforma na Cova de Ali-Babá, e o advogado do presidente logo poderá aproveitar o ócio da riqueza repentina e inexplicada (ou o silêncio de certos pátiós), escrevendo a versão canapiense das Histórias da Carochinha.

ÉTICA. Enquanto o país se esgota numa recessão sem serventia, o erário nega recursos aos aposentados, à ciência, à pesquisa, à tecnologia, à universidade; enquanto os operários são impelidos, milhões, ao desemprego e todos à compressão salarial, o mais alto mandatário da nação está em apuros para provar sua honestidade. Neste país triste, humilhado com o seu presente, o povo corre o risco de perder todas as esperanças no futuro, se esse esforço dos partidos de oposição, do Congresso e da imprensa cair no vazio, punindo tão só os testas-de-ferro escolhidos para manter impune o real responsável por tudo isto: o presidente da República. Cabe a pergunta: como, depois dessa impunidade, manter em funcionamento os Tribunais da República?

Há uma questão ética, e esta o presidente já perdeu. Ele não é mais o depositário da confiança da nação, e por isso mesmo não pode ser o responsável pelo seu destino.

Por todas essas razões, é ingenuidade infantil pensar na renúncia presidencial como saída para a crise.

A questão objetiva é esta: o presidente, entre outros delitos, atentou contra a probidade administrativa e isto o torna um infrator, um delinqüente. Para tal, a Constituição tem o remédio do impedimento. Para consumá-lo, porém, não bastam provas, pois o julga-

mento, nas duas casas do Congresso, é político, e exige dois terços de votos favoráveis. Decidirá politicamente a Câmara se aceita a acusação de crime de responsabilidade, julgará politicamente o Senado, e o PFL está aí para isso mesmo: ser "convencido" por qualquer comissão de empreiteira. Nem uma Casa nem outra está presa ao que os advogados chamam de "prova dos autos", e deliberam de forma soberana. Não há recurso judicial de suas decisões. É evidente que o trabalho da CPI é essencial para a formação da opinião pública parlamentar. Essencial mas lamentavelmente não decisivo.

A impunidade só será quebrada se conseguirmos mobilizar a opinião pública nacional, se conseguirmos convencer todos os segmentos da sociedade, se mobilizarmos todas as associações de classe. Este é o desafio que se coloca já hoje para as forças populares. Até porque, se essa gente não for punida, será o caso de lutarmos, por isonomia..., pelo indulto de todos os ladrões.

O quadro, porém, é especialmente preocupante, em face da tendência brasileira de, nesses episódios, encontrar aquelas fórmulas que, harmonizando interesses poderosos, jamais atendem aos interesses coletivos e jamais contribuíram para a construção de instituições saudáveis.

"CONSENSO". Em artigo recente, Dalmo de Abreu Dallari, arrimando-se no precedente do parlamentarismo consensual do Segundo Reinado, engendra a fórmula da nomeação do dr. Ulisses como um super-ministro, e assim tudo continuaria como dantes no quartel de Abrantes, com um Collor domado, mas impune.

Outros, mais afoitos, no Congresso, falam na reforma constitucional para propiciar ora um presidencialismo mitigado, ora um parlamentarismo não tão forte, mesmo com Collor. Nenhuma dessas hipóteses considera esse penetra de nossa história, o povo, ou o interesse coletivo.

De nossa parte, o PSB procura fazer o que entende ser de seu dever, e estar no alcance de suas forças. O jurista, ex-procurador da República, ministro aposentado do Supremo Tribunal Federal, advogado Evandro Lins e Silva, foi incumbido pelo partido de, coordenando comissão composta de outros companheiros advogados, estudar a solução constitucional, a começar pela solução natural do impeachment (embora a ela não se cingindo), cuja arguição se fundamentará na prova material sobejamente coletada pela CPI. O caminho que chegarmos será oferecido aos demais partidos. Não pleiteamos exclusivismos... Queremos dar forma legal ao clamor do homem comum do povo que pretendemos representar...

ROBERTO AMARAL
Jornalista e escritor, secretário-geral do Partido Socialista Brasileiro/PSB

OPINIÃO

A CONAM avança

O V Congresso da Confederação Nacional das Associações de Moradores (CONAM), realizado de 30/7 a 2/8 em Belo Horizonte, foi uma vitória para o movimento popular do país. Reunindo 20 federações de 17 estados, num total de 546 delegados com direito a voto e 301 observadores, representando cinco mil entidades de base, esse congresso deu um visível salto de qualidade em relação aos anteriores.

Adotada desde o início dos trabalhos pela maioria dos delegados, a palavra de ordem "fora Collor" foi o pano de fundo das discussões e a composição das chapas se deu praticamente como resultado da posição contrária ou favorável à continuidade de Collor de Mello.

De um lado, ficaram militantes do movimento comunitário que defendiam a permanência de Collor (brizolistas, aliados ao PFL, com peso significativo no Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Paraná); de outro, todos aqueles que tinham claro que este governo já deveria ter acabado, num arco de alianças com militantes do PCdoB, MR-8, PT, PDT e muitos independentes, que se expressavam através das federações do Ceará, Paraíba, Pernambuco, Minas Gerais, São Paulo, Espírito Santo, Bahia, Distrito Federal, Amapá, Pará, Maranhão, Mato Grosso, Alagoas e Mato Grosso do Sul.

POLITIZAÇÃO. Com uma vitória esmagadora - 375 a 162 votos (7 brancos, 2 nulos) -, a chapa 1, encabeçada por Wladimir Dantas, da Paraíba, conseguiu desde o início dos trabalhos impor uma dinâmica politizada às discussões, não permitindo que resvassem para o ataque pessoal.

O encabeçador da chapa de oposição, Firmo Trindade, do Rio Grande do Sul, embora aliado a grupos que não respeitam a autonomia do movimento comunitário, teve um comportamento extremamente digno durante os quatro dias, evitando radi-

calizações e provocações de seus apoiadores, acatando sem vacilar a decisão soberana das bases e colocando-se a serviço da entidade, independentemente da vitória ou derrota.

Entre as deliberações do encontro, a mais importante foi, sem dúvida, a posição da esmagadora maioria, pedindo a saída de Collor, apoiando a proposta de plebiscito, de maneira a pressionar os congressistas a votar o impeachment e, ainda, propondo a todo o país a criação de um fórum das entidades da sociedade civil (CONAM, CUT, CGTs, CONTAG, OAB etc.) para acompanhar e massificar a proposta de plebiscito.

REVITALIZAÇÃO. A CONAM hoje não só se credencia a ocupar um lugar de destaque entre as entidades que lutam por melhores condições de vida da população, como apresenta propostas concretas de como enfrentar a conjuntura. Ousa extrapolar o específico do movimento comunitário e apóia a luta pela reforma agrária, o combate ao programa de arrocho do governo Collor e à política genocida da classe dominante em relação às crianças de rua e à esterilização das mulheres pobres e negras.

Propõe ainda a participação ativa da sociedade civil organizada, de maneira a garantir a lisura das eleições, uma vez que é notória a parcialidade do TSE: crimes eleitorais de abuso de poder econômico, uso indevido dos meios de comunicação, calúnias de caráter pessoal e político foram simplesmente ignorados pelo Tribunal nas eleições para presidente. Não é por acaso que o presidente do Tribunal Superior Eleitoral, Francisco Rezek, virou ministro de Collor.

A CONAM, portanto, sai do seu V Congresso revitalizada, na luta, consciente do seu papel e intervindo de maneira firme na conjuntura, rumo a uma sociedade mais justa.

RAMATIS DA JACINO
Membro da Direção Nacional da CONAM



Os demônios da impotência

Com larga folga, chapa ligada à
Força Sindical impõe derrota histórica
à cidadela sindical da CUT

A cidadela sindical de Volta Redonda, um símbolo nacional da CUT, caiu nas mãos de uma chapa ligada à Força Sindical. As eleições dos metalúrgicos realizadas no dia 21 de julho deram uma vitória com folga de 1.480 votos (14% do total) à chapa 4, organizada pela direção da empresa e apoiada por Luiz Antonio Medeiros. Espanta mais ainda a diferença brutal de votos na usina da CSN: lá a chapa 4 obteve mais que o dobro do número de votos obtidos pela chapa 1 - CUT.

No dia 5 de agosto, Luis Antonio de Medeiros saudou publicamente a vitória: "O que esteve em jogo em Volta Redonda, e por clara maioria se decidiu, foi a opção dos trabalhadores pela privatização da CSN - a principal do país e símbolo de um modelo que já se esgotou. De um lado, a CUT, que fez da defesa do estatismo o mote de sua campanha. De outro, a chapa da Força Sindical, que viu, ao defender a privatização, a possibilidade de ampliar a participação dos trabalhadores nos destinos da empresa e impedir o sucateamento da CSN".

CINCO ARMAS. O cabeça da Força Sindical quer capitalizar a derrota da CUT, mas seu argumento é difícil de demonstrar: nenhum dirigente de peso da Força Sindical apresentou-se publicamente em Volta Redonda durante a campanha; havia pouco aparato e material de campanha próprio; a chapa 4, em sua propaganda, reivindicava para si até a memória do heróico enfrentamento dos operários ao Exército em 1988, em tudo diverso do sindicalismo de conciliação.

Pelo contrário, é muito fácil demonstrar que quem organizou, dirigiu e venceu a disputa sindical foi a direção da empresa. A chapa 4 é uma continuidade direta do grupo auto-denominado *Formigueiro*, for-

mado por nove ex-diretores do sindicato que em agosto de 1991 abriram publicamente uma dissidência e passaram a "disputar" a representação sindical diante da empresa. Na campanha salarial de maio de 1992, o dissídio coletivo foi instaurado. Em uma decisão inédita na história da CSN, ao invés do sindicato, a empresa convocou para negociar a Confederação Nacional dos Trabalhadores Metalúrgicos (CN-TM), ligada a Medeiros, através do grupo Formigueiro.

Um acordo coletivo foi assinado passando por cima do sindicato. Diariamente, através de um boletim distribuído dentro da usina, o presidente atacava o sindicato e elogiava o espírito de "parceria" demonstrado pelo Formigueiro. O convencimento funcionava na base da coação e da chantagem: "Se ganhar a chapa da CUT, vai haver demissões em massa"; "se ganhar a chapa do formigueiro, eu dou meio salário de adiantamento".

O esquema usado com sucesso já na Usiminas foi colocado em ação. A estrutura da empresa foi colocada a serviço da campanha do Formigueiro: reuniões das chefias com os operários nos locais de trabalho, "seminários" em Hotel Fazenda com grupos de 400 traba-



Desta vez, a volta não foi redonda

Netto (presidente da CSN) faz campanha em favor do "Formigueiro". A privatização da CSN foi apresentada em uma ação conjunta do Banerj - CSN como um caminho para os trabalhadores participarem dos lucros da empresa: "Quem quer dinheiro, vota no Formigueiro". Visto sob esse ângulo, a vitória da chapa 4 em Volta Redonda parece uma reprodução, em escala reduzida, da vitória eleitoral de Collor.

Pesquisas técnicas feitas por uma empresa paulista a 21 e a 15 dias das eleições registraram o rápido crescimento da chapa 4 paralelamente ao da pressão sobre os operários. As seções da usina nas quais fosse vitoriosa a chapa da CUT teriam demissão em massa, era a notícia que corria. A primeira enquete realizada no dia 1º de julho marcava 38% de votos para a chapa 1 e apenas 12% para a chapa 4. Em outra realizada no dia 13 de julho, a chapa 4 já crescera para 24% enquanto a chapa 1 diminuía para 36%; 33% estavam indecisos. Os sinais já indicavam o terremoto: os indecisos migrariam em massa para a chapa 4.

a chapa 1 da CUT como mais confiável, honesta, combativa, mas reconheciam na chapa 4 uma melhor capacidade para negociar com a empresa.

Assim, mais do que uma escolha entre uma concepção "privatizante moderna" e uma concepção "estatizante retrógrada", como afirma Medeiros, o voto dos operários de Volta Redonda parece se explicar mais pela opção por uma "paz negociada" com a empresa, em um contexto de agudo sentimento de impotência.

Entre uma "guerra permanente com pouca perspectiva de conquistas" e uma "pacificação com uma redução das perdas", os operários escolheram pragmaticamente o aparentemente mal menor.

CERCO. Contribuiu para a derrota, também, a falta de enraizamento organizado da CUT dentro da usina. Na urna 41, onde a maioria dos cipeiros são da CUT e um boletim específico de base foi produzido, os operários resistiram à pressão: lá a chapa 1 obteve 48% dos votos contra 44% da chapa 4. Mas foi uma exceção.

Também foi difícil e tardia a unidade das forças cutistas em Volta Redonda. Em boa medida, a disputa interna da Central foi transferida e trabalhada publicamente de modo desgastante. A convenção que unificou a CUT pela Base, Articulação, Força Socialista, Convergência Socialista e PDT na chapa 1 ocorreu apenas a quarenta dias das eleições.

Por fim, a CUT em Volta Redonda viveu de forma particularmente intensa o cerco da privatização que avança em nível nacional. Sem propostas alternativas e viáveis, a lógica privatizante da empresa foi vivida como uma fatalidade à qual os operários deveriam necessariamente se acomodar.

MARILANE TEIXEIRA E
JUAREZ GUIMARÃES

OS NÚMEROS DA DERROTA							
Resumo Geral	Aposentados	Licenciados	CSN	FEM	S. Privado	Total	%
	Votos	Votos	Votos	Votos	Votos	Votos	Votos
1 (CUT)	864	225	2.841	569	2.270	6769	39%
2 (Causa Operária)	639	26	143	15	36	859	5%
3 (Pelegos)	90	34	620	50	90	884	5%
4 (Força Sindical)	1.069	129	6.048	860	143	8249	48%
Nulos/Branco	48	08	383	54	47	540	3%
Resumo Geral	2710	422	10.035	1.548	2.586	17.30	

IMPOTÊNCIA E ILUSÃO. As pesquisas realizadas nos ajudam a entender as razões do terremoto. Em sua aferição qualitativa dos perfis, as pesquisas indicavam que os operários viam

PORTO ALEGRE

Adversários apavorados

Eles tentam minar a candidatura de Tarso Genro, favorita nas pesquisas.

Amensa vantagem indicada nas pesquisas para o candidato da Frente Popular (PT-PSB-PV-PC-PPS) à sucessão de Olívio Dutra na prefeitura de Porto Alegre assustou seus adversários que, em um



gesto eleitoral, solicitaram a instalação de uma CPI para investigar a atual administração. A CPI, aprovada por iniciativa do PDT, baseou-se em uma inspeção inicial do Tribunal de Contas do Estado (TCE) ainda não examinada pelos seus conselheiros, mas já respondida pela Administração Popular. Curiosamente, o atual Presidente do TCE, Romildo Bolzan, é um ex-deputado do PDT e sogro do candidato a vice na chapa pedetista encabeçada por Carlos Araújo.

A CPI terá pouco a examinar mas colabora para desviar a atenção do verdadeiro caso de corrupção e enriquecimen-

to ilícito que escandaliza o Rio Grande do Sul. O atual governador Alceu Collares (PDT) e sua mulher e secretária de Educação, Neuza Canabarro, foram denunciados por omissão de dados à Receita Federal e aumento de patrimônio sem determinação da origem dos recursos. O repentino enriquecimento do governador e de sua atual mulher ocorreu justamente à época em que ele era prefeito de Porto Alegre e ela, secretária municipal da Educação.

INÉDITO. Ambos recusaram-se a divulgar suas declarações de Imposto de Renda e a ques-

tão agora será examinada por uma CPI apoiada praticamente por todos os deputados estaduais, com exceção da bancada do PDT. Mas o que mais parece preocupar os adversários de Tarso Genro e Raul Pont é a possibilidade cada vez maior de uma vitória já no primeiro turno. A última pesquisa Datafolha (26/07) apontava 47% para a chapa da Frente Popular contra apenas 9% da dupla mais próxima, a do PDT.

O prestígio do atual prefeito, Olívio Dutra, pesa muito nesta hora. Outra pesquisa, desta vez do IBOPE, indicou que 55% dos porto-alegrenses

confiam em Olívio, enquanto outros 67% afirmam não confiar no governo Alceu Collares. Diante disso, o PDT colocou até ocupantes de Cargos em Comissão na condenável tarefa de pichar muros de propaganda da Frente Popular com frases agressivas. Seis pedetistas foram detidos. Dois deles têm Cargos Comissionados do PDT: Alexandre Guterres Thome (da Secretaria da Saúde) e André Cristiano Alves Fortes (da Secretaria dos Transportes). A Frente Popular fez denúncia ao Tribunal Regional Eleitoral, que já examina o caso.

JOSÉ LIMA
de Porto Alegre

Tochas e foices

De 20 a 25 de julho, trabalhadores rurais marcaram presença em quinze estados do país

Alguns milhares de tochas e foices ocuparam São Bernardo do Campo na madrugada fria de 24 de julho. Misto de festa e reflexão, a **Vigília pela Terra** organizou no Sindicato dos Metalúrgicos um painel representativo sobre a atualidade da reforma agrária. Dele participaram Ave-lino Ganzer, vice-presidente da CUT, João Pedro Stélide, dirigente do Movimento dos Sem-Terra, Dom Demétrio, pelas Pastorais Sociais da CNBB, Dom José Aparecido, presidente do CIMI, Aloízio Mercadante, Vicentinho, Lula e Mário Covas.

No auditório do Sindicato souu também a palavra do padre Francisco Cavazutti, ferido gravemente à bala quando celebrava missa na casa de um pequeno proprietário em Goiás no dia 27 de agosto de 1987. Cavazutti ficou cego, por causa do rompimento do nervo ótico pelo chumbo da espingarda, mas o pistoleiro e o mandante do crime continuam soltos. O cacique João Saperê, da tribo Saperê-Marw, em Barreirinha no Baixo Amazonas, iniciou sua fala com a saudação *Avwud uivuu* (boa noite, meus parentes). "Assim como vocês não me entenderam - disse João Saperê - o governo não compreende a língua falada pelos trabalhadores. Ele acha que só a classe rica é que merece".

SANGUE NA TERRA. A linguagem da violência continua a ser a resposta básica do governo ao movimento dos rurais. No Mato Grosso do Sul, no último dia 31 de julho, a Polícia Militar invadiu o acampamento de 390 famílias, situados à beira da BR 163, no município de Brilhante, espancou inúmeras pessoas, feriu três à bala e prendeu dezenas. Levou até alimentos, roupas e dinheiro dos trabalhadores acampados.

Em Dourados, no mesmo estado, onde estão acampados os "brasiguaios" (brasileiros empurrados para o Paraguai no período do governo Geisel e que hoje procuram retornar ao país), nove lideranças dos trabalhadores continuam presas desde o dia 29 de julho. Em Amambai, onde há um acam-

pamento de 450 famílias de brasiguaios, o juiz da 1ª Vara Civil e Criminal, Dr. Odenilson Roberto Castro Fassa, decretou no dia 6 de agosto, a prisão preventiva de mais treze trabalhadores. Além da repressão ofici-

MÁRIO COVAS

INTERVENÇÃO CIRÚRGICA

Iste é um ato de profunda solidariedade humana. É um ato no qual os metalúrgicos - os quais pela sua unidade, sua capacidade de luta já conquistaram um enorme respeito da Nação - se associam àqueles que lutam e querem conquistar um espaço de terra.

Há várias formas de se defender a reforma agrária. Há quem a sustente até por razões econômicas. Há quem seja capaz de demonstrar que a média e a pequena propriedades são capazes, pela multiplicidade de pessoas nelas envolvidas, de gerar uma produção importante e gerar um padrão de vida muito melhor. São razões de natureza econômica que por si só justificam a reforma agrária.

Há os que preferem sustentá-la sob o ângulo de natureza social. Há uma massa enorme de brasileiros voltados a vida inteira para o convívio com a terra mas que foram deserdados da possibilidade de tê-la por um processo de seleção que é o mais negativo e sórdido: o processo de seleção econômica.

Mas eu prefiro ver a questão agrária sob dois ângulos diferentes: o da justiça e o da democracia. É uma questão de justiça porque atinge o cerne do problema da cidadania. Não é razoável que num país de natureza continental uma pequena minoria possa extrair da terra o seu sustento e o seu lucro e uma imensa maioria seja impossibilitada de exercitar este direito. É uma questão democrática porque se a todos não for dado o direito de exercer o seu trabalho de forma livre e igualitária, a rigor este país não poderá falar em exercício da democracia.

O único instrumento de reforma agrária usado hoje é o imposto territorial rural. E o imposto rural no Brasil é uma barbaridade de escândalo: arrecada-se apenas doze milhões de dólares por ano. Apenas a capital de São Paulo arrecada de IPTU 500 milhões de dólares.

A reforma agrária é necessariamente um instrumento de intervenção cirúrgica. A União, em nome do povo, deve abrir os horizontes para que uma imensa massa de brasileiros famintos possa conquistar o seu espaço de terra."

al, os latifundiários da região têm cercado os acampamentos, disparando tiros sobre os barracos.

No Paraná, no dia 5, um acampamento de 620 famílias em uma fazenda situada no município de Catanduva foi atacado à bala por fazendeiros. Foram feridos os trabalhadores Antonio Diniz (no estômago, internado na UTI mas já fora de risco), Sebastião Domingos de Oliveira (pescoço e braço) e José Pontes (na cabeça).

Em Santa Catarina, no dia 7 de agosto, um acampamento de 140 famílias no município de Abelardo Diniz foi reprimido pela Polícia Militar. Dois trabalhadores foram feridos à bala e cinco estão presos na delegacia de Xanxerê.

CONQUISTAS E AVANÇOS. No Rio Grande do Norte, as 120 famílias acampadas em São Gonçalo Amarante ocuparam a sede do Instituto de Terras, reivindicando assentamento definitivo. Um acordo foi firmado com o compromisso da compra da fazenda Zabelê, de 19 mil hectares, no município de Touros para assentar os sem terra do estado.

Em Pernambuco, 350 famílias, de vários acampamentos, ocuparam a Secretaria da Agri-



JANUARIO F. DA SILVA/TRIBUNA METALÚRGICA

Em São Bernardo, metalúrgicos e rurais

Incrá da região de Pindaré, resultaram no compromisso do órgão de realizar vistoria nas áreas das fazendas Tatajuba (já ocupada pelos sem terra) e Bela Vista, reivindicada pelos trabalhadores. Houve uma grande festa no assentamento Gameleira, comemorando a conquista definitiva da área.

No Rio Grande do Sul, Caibaté, na região das Missões, recebeu um grande acampamento de aproximadamente 800 pessoas, na Praça da Igreja, reivindicando liberação de recursos do procerá e para infraestrutura dos assentamentos.

Em Minas Gerais, em audiência com o governador, os trabalhadores rurais obtiveram do governador do Estado a informação de que o Incra liberará 9,4 bilhões de cruzeiros para investimento em quatorze assentamentos.

Na Bahia, a caminhada com cerca de dois mil trabalhadores rurais que saiu de Feira de Santana chegou a Salvador no dia 23, onde foi realizado um grande ato público. No sul do estado, 250 famílias ocuparam a fazenda Lindóia, no município de Itagibá. Esta fazenda, com 1.500 hectares, pertence ao estado mas estava "ocupada" pelo latifundiário e ex-governador, Nilo Coelho.

JUAREZ GUIMARÃES

CAMPO

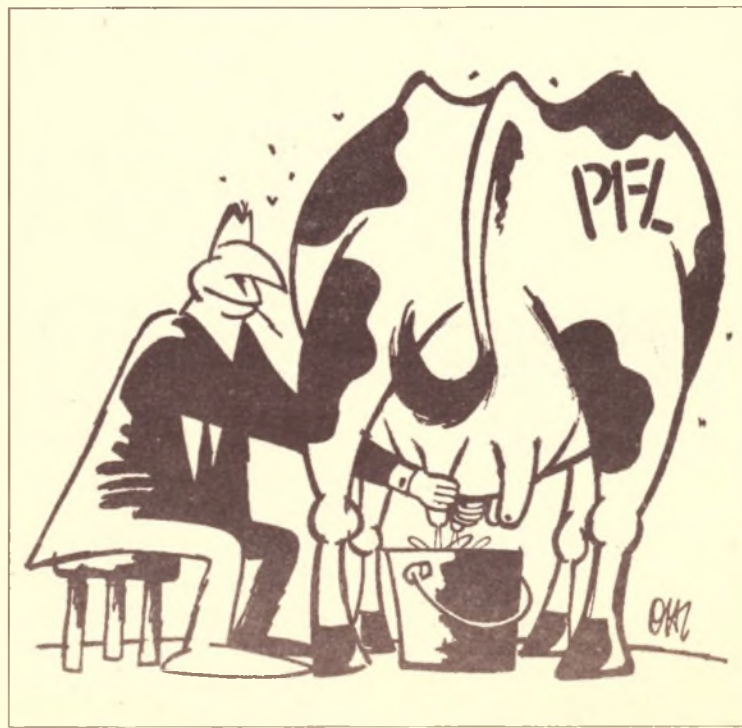
NOS TEMPOS DO FAROESTE

Em pouco mais de 15 dias a Polícia Militar de Santa Catarina transformou a região oeste do Estado num cenário digno de filme de bandido e mocinho. Provocou tumultos, invasões, tiroteios e insegurança. Tudo isto contra agricultores Sem Terra e pequenos produtores. Dos três conflitos entre PM e agricultores ficou um saldo de cinco feridos e seis presos. O primeiro confronto foi no dia 24 de julho quando 1.100 policiais invadiram um assentamento em Campos Novos, onde já viviam 130 famílias. Sem explicações, uma vez que a área é do Incra, a PM retirou as famílias debaixo de um tiroteio que resultou em dois agricultores feridos. Oito foram presos, liberados horas depois. Consultado sobre a ação, o vice-governador Konder Reis disse que nada sabia e tampouco o Incra. Foi ação isolada da PM.

No dia cinco de agosto em Chapecó, durante um ato da Jornada de Lutas dos Rurais, os agricultores decidiram ocupar a agência do Besc (Banco do Estado de Santa Catarina) para pressionar pela liberação de crédito para o custeio. A PM foi chamada e também ocupou o Banco, armada até os dentes. Na confusão alguém atirou uma máquina de calcular sobre o balcão e começou o tumulto. Um policial foi ferido a faca e um agricultor, Lucílio Ravanello, foi preso. Pouco depois o ônibus que levava os agricultores de volta a Coronel Freitas foi barrado, com os agricultores sendo chutados, pisados e revistados pela Polícia Militar. Mais três pessoas foram presas e só liberadas no começo da noite sob pagamento de fiança.

MAIS VIOLÊNCIAS. No dia oito de agosto a PM volta a usar a força e invade sem ordem judicial o acampamento Santa Rosa Três, em Abelardo Luz, onde vivem 160 famílias. Entram atirando e usando bombas de gás. Dois colonos saem feridos. Laucir de Lima, com uma bala no peito é operado e logo levado para a cadeia. Leocir Morais está no hospital com cinco tiros, e sem que a família possa manter qualquer contato. Mais cinco agricultores foram presos durante a ação e tiveram o pedido de habeas corpus negado pela justiça.

ELAINE TAVARES, de Santa Catarina



VEREADOR ASSASSINADO

O PT em Ouro Preto do Oeste-RO, no último dia 8, sábado, deu início no Distrito de Rondominas, distante cerca de 50 km da sede, à série de 12 comícios que fará realizar nas mais diversas localidades do município durante esta campanha eleitoral.

O evento atraiu cerca de 1500 pessoas. Estavam presentes os candidatos à eleição majoritária Piau (Dep. Estadual) e Zim Arrabal, além de cerca de 20 candidatos a vereador pelo partido.

Logo após proferiu o seu discurso, o companheiro Jasmão Pereira de Castro, que presidia a Câmara Municipal e era candidato à reeleição, quando já se encontrava junto à multidão, foi covardemente assassinado por pistoleiros Profissionais (dado à característica do crime) com dois tiros de revólver calibre 38, desferidos à queima-roupa, pelas costas, impedindo qualquer reação de defesa.

Sua morte foi instantânea. A identificação dos criminosos foi impossível, dado ao tumulto que se generalizou.

Jasmão, pela sua postura à frente do Poder Legislativo Municipal que presidia, incomodava a muitos. Sua reeleição era admitida por todos, dado ao seu passado político enriquecido por muitas lutas e vitórias em favor dos sem-terra.

Não se sabe ainda quem são os autores e mandantes do assassinato.

Sabe-se somente que o móvel do crime foi sua Militância política. Ao seu velório compareceram mais de 3000 pessoas. Seu corpo foi velado no saguão da Câmara Municipal.

JASMO PEREIRA DE CASTRO, natural de Porecatu, residia em Ouro Preto do Oeste há mais de 20 anos. Era agricultor. Casado, tinha 6 filhos, 44 anos de idade. Militava nos movimentos sindicais desde 1980, tendo sido membro-fundador do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ouro Preto do Oeste e, da Associação Rural Oitopretense Organizada para Ajuda Mútua e do PT. Foi agente da Comissão Pastoral da Terra. Candidato a deputado estadual em 1986, ficou como 2º suplente.

Eleito vereador em 1988, com cerca de 500 votos, foi escolhido como líder da bancada. Para o biênio 1991/92, foi eleito Presidente da Câmara Municipal.



ALEGRIA,

Em São Paulo, os estudantes dizem um basta a Collor,

Foi um salto no tempo. No dia 11, quando a passeata, vindo da rua Brigadeiro Luiz Antônio, no centro de São Paulo, entrou pelo Largo São Francisco, diante da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, ao som de *Alegria, Alegria*, de Caetano Veloso, produziu-se um daqueles momentos em que o tempo promete novos rumos.

Até aquele instante, ao lado da pergunta sobre se Collor sai ou não sai, estava teimosamente outra: "por que a rua está deserta?". As manifestações anteriores, não chegaram a provocar um definitivo entusiasmo.

Surpreenderam, é verdade: 4 mil pessoas se reuniram em Curitiba, com a presença do próprio governador Roberto Requião, do PMDB, e 2 mil em Porto Alegre, para exigir o fim da corrupção e do governo Collor. As 15 mil de São Paulo, no dia 8, também surpreenderam, pois para muitos a manifestação seria menor e chocha. Não foi.

Quando Lula, discursando, disse que Cláudio Vieira e Paulo César Farias é que deveriam ter ido à Barcelona "buscar o ouro", o clima na praça já era de muita descontração e alegria pelo sucesso da manifestação.

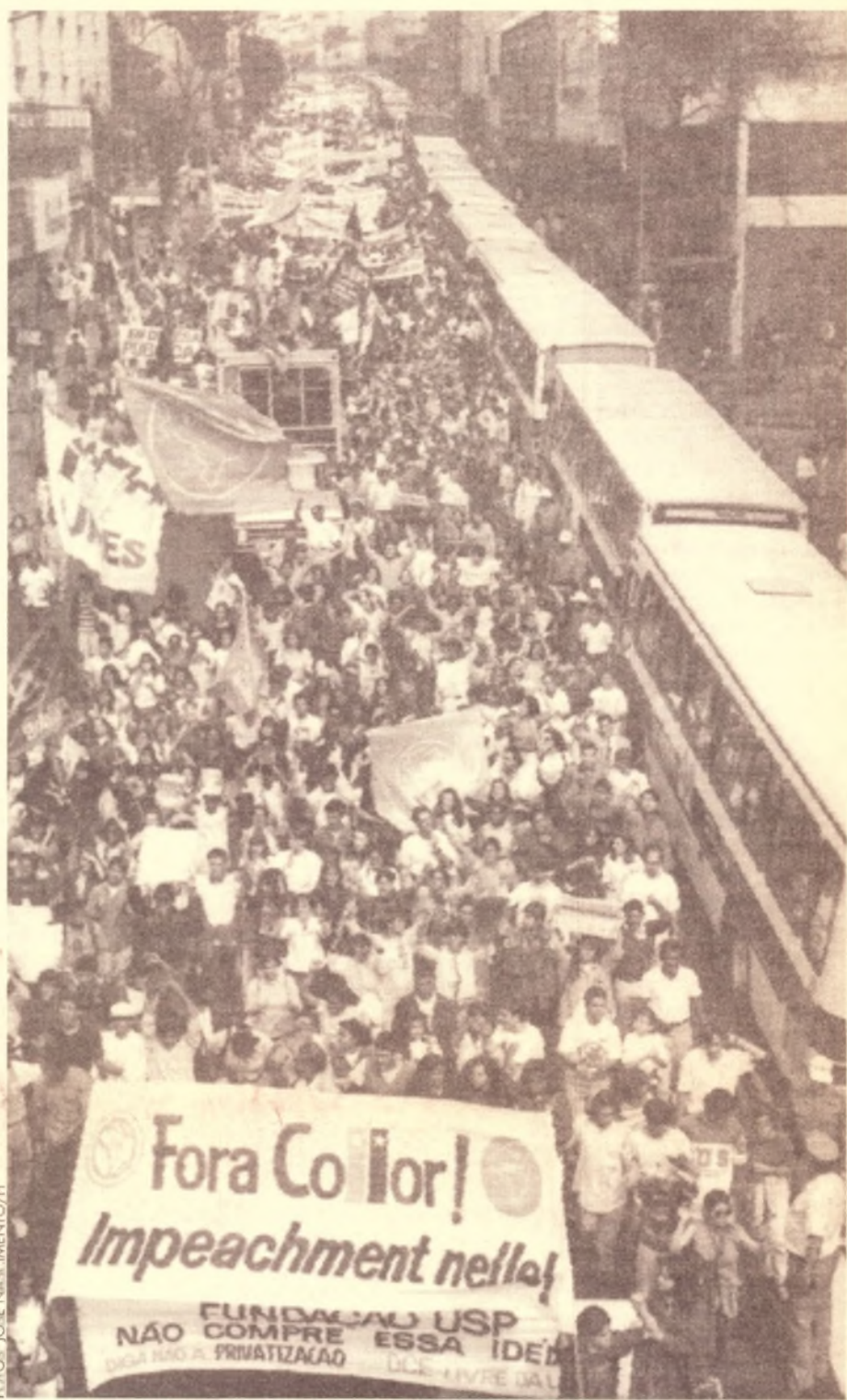
VACINA CONTRA A CORRUPÇÃO. Há um clima em relação ao governo Collor que vai aos poucos contaminando todas as reuniões do país. A IX Conferência Nacional de Saúde, em Brasília, reunida de 9 a 14 de agosto, transformou-se por vezes num fórum de protesto contra a permanência do presidente Collor no Palácio do Planalto. "Pra saúde melhorar, Fora Collor já". Este mote disseminou-se pelo encontro, bem como a marchinha "É ou não é/piada de salão/o chefe da quadrilha/é o chefe da Nação..."

Lula pediu diretamente ao ministro Adib Jatene, presente ao encontro, que criasse "uma vacina contra a corrupção", sob aplausos gerais de todos os presentes. José Dirceu, do PT-SP, Sérgio Arouca, do PPS-RJ e Jandira Feghali (PCdoB-RJ), também foram muito aplaudidos ao insistirem no fim da corrupção, colocando que o fim do governo é um pas-

so para alterar a política neoliberal em curso, que está sufocando o país e o povo, e que hoje, no país, discute-se entre um projeto "de país sério" e outro "de um país cínico". As manifestações vinham sendo organizadas principalmente pelos partidos empenhados na proposta de *impeachment* do presidente, e por organizações da sociedade civil. Esperava-se que a manifestação do dia 8, na tradicional *Sé das Diretas Já*, e do culto ecumênico por Wladimir Herzog, sintetizasse as demais e lançasse o movimento nas alturas, ou seja, para a rua. Não foi bem assim. De positivo, a manifestação deixou o gosto de que não fracassara. Mas não era ainda aquele *tchans* que faltava. continuou de pé a pergunta, pelo menos em parte, que há meses assola corações e mentes: onde estão as manifestações de rua, aquelas, pra valer, que chamam a população?

Essa manifestação veio afinal, como um desabafo, no dia 11, em comemoração ao dia do estudante, num ato que, concentrado no repúdio a um governo espúrio, superou seu sentido imediato sem perdê-lo de vista.

A CIDADE DESPERTA. São Paulo estava agitada desde manhã cedo. Muitos fatos se produziram simultaneamente: a vitoriosa equipe de vôlei chegava triunfalmente no aeroporto, desfilando depois em carro aberto pela cidade. Agentes do TFP colhiam assinaturas no metrô contra a reforma agrária. Ativistas da UNE percorriam as salas de aula da Universidade de São Paulo, no campus do Butantã, a 8 quilômetros da Avenida Paulista, chamando os demais para concentrarem-se na avenida onde está um dos



Manifestação da UNE, dia 11 de agosto em São Paulo

corações do sistema financeiro do país. Percorriam também outras escolas, públicas ou particulares, de 3º ou de 2º grau. A resposta veio mais rápido do que se pensava: as aulas foram parando aqui e ali, algumas escolas tiveram de suspender as atividades.

Entre as dez e onze horas da manhã pelo menos uns dez mil estudantes se concentraram em frente ao vão do Museu de Arte de São Paulo, na Paulista. Dali saíram em direção à Avenida Brigadeiro Luiz Antônio, onde a passeata, sempre recebendo aplausos e adesões de populares e de mais estudantes, dobrou, descendo em direção ao centro da cidade.

Enquanto isso, no salão de atos da faculdade de Direito, em presença da prefeita Luiza Erundina, do diretor da Faculdade, Prof. Dalmo de Abreu Dallari, de representantes do Reitor, do

Centro Acadêmico XI de Agosto, da Associação de Docentes da USP, e de outras entidades, realizava-se um ato em homenagem ao dia do estudante (11 de agosto, dia da fundação do Centro, em 1903, considerado o primeiro da América Latina) que também se coloria de manifestação anti-Collor.

Diante de uma platéia lotadíssima, a prefeita assinou convênio com o Centro e a Faculdade pelo qual os estudantes passarão a colaborar com "cursos de cidadania" junto à Secretaria e Educação do Município. Nos discursos, uma condenação unânime da violência institucionalizada que representa a extrema desigualdade social brasileira, intensificada pelo governo Collor, e dos desmandos da corrupção. Como em outras ocasiões, lembrou-se que o bilhão de dólares - que já se descobriu que PC Farias, tesoureiro do esquema Collor,

ALEGRIA

revivendo a combatividade de seu movimento.



manipula no exterior-, daria para construir pelo menos 3 mil escolas, atendendo a seis milhões de crianças.

ENTERRO SIMBÓLICO. Nessa altura a manifestação ia em meio à Avenida Brigadeiro; enquanto a PM dizia haver dez mil pessoas nela, os organizadores (UNE, UBES e outras entidades estudantis) sustentavam o número de 22 mil.

Uma pequena multidão começava a se concentrar no Largo São Francisco, em frente à Faculdade, em torno de um caixão onde se enterraria, guardado por estudantes vestidos de padre e de presidiário, aquele que era apontado como "o Collor de São Paulo", ou seja, o eterno candidato Paulo Salim Maluf... Quando o ato terminou, saíram todos para a rua - onde a multidão já tinha chegado a umas cinco mil pessoas; ao mesmo tempo, como se fora sincronizado, a linha de frente da passeata apontou na entrada e a música de Caetano encheu o espaço de *Alegria, Alegria*.

O que todos gritavam

além do Fora Collor, *impeachment* Já, e outras palavras de ordem, era que "os anos rebeldes" ali estavam. De fato, uma geração ali descobria os poderes da sua rebeldia, pois a maioria dos presentes oscilava entre os 14 e 20 anos.

Ao lado destes, e entre eles, dois grupos bem caracterizados: os novos dirigentes estudantis que, como uma verdadeira tropa de choque, guardavam e usavam o microfone; e os velhos calejados de 68, entre umedidos e roucos, vivendo a emoção de verem uma coisa paradoxalmente antiga, e radicalmente nova.

RENASCIMENTO. É claro que o seriado da Globo "Anos Rebeldes" ajudou a empurrar a multidão para a rua. Aqueles estudantes ali sentiam-se também personagens da história, da sua história; peitavam ali nada mais, nada menos do que um presidente da República, que até agora não caiu, embora apodrecido. Mais uma vez, como tantas vezes na história, os estudantes empalmavam

um sentimento geral de repúdio e contestação.

Ao mesmo tempo, e felizmente, o fato era radicalmente novo: os ali coroas de 68, então não marchavam ao som de *Alegria, Alegria*; às vezes era entre tiros e bombas, e quase sempre entre espadeiradas e cassetetes; disputava-se o espaço da rua com os cavalos da PM. Nem naquela época havia o coro do "Lulalá" para saudar a chegada do candidato da esquerda em 89. Era portanto a imagem de um tempo antigo que renascia das suas cinzas, e isso devido à presença maciça dos estudantes (que nas diretas - já se diluíra entre os demais milhões de manifestantes), mas

ao mesmo tempo era a imagem de um tempo novo que despontava - ainda frágil, mas de presença inequívoca: a rua é, de agora em diante, personagem possível e decisivo no caso Collor.

Não se sabe ainda se terá o peso que deve, e pode ter; mas se sabe que ali, em se plantando, dá.

FLÁVIO AGUIAR
COLABOROU ANTONIO CARLOS QUEIROZ, DE BRASÍLIA

Collor e seu Governo são uma grande farsa.

Brasil Agora reproduz a seguir, a íntegra de um documento que está circulando, há dias no Rio Grande do Sul

Collor e seus comparsas enriquecem com o dinheiro público, empobrecem a Nação e o povo e afundam o País num mar de lama e desesperança.

Esse Governo é responsável pela maior recessão de nossa história, pelo sucateamento e falência de nossas empresas, pelo desemprego em massa, por salários aviltantes, pela fome cada vez maior, pela miséria que se espalha nos campos e nas cidades.

Enquanto se gastam e se roubam milhões de dólares em "casas da Dinda", em negociatas, contrabandos, lavagem de dinheiro, falsificações, sonegações, a Previdência Social está quebrada, a saúde internada, a economia anda para trás, sem esperanças de dias melhores. Basta de corrupção e de roubalheira. Somos um povo sério, honesto e trabalhador, e exigimos respeito, em nome de nossa dignidade e de nossos direitos.

A CPI que investiga as atividades de PC Farias junto ao Governo Collor já constatou a responsabilidade política do Presidente da República nos fatos denunciados e que já estão comprovados com documentos e depoimentos objetivos e inquestionáveis.

A paciência do povo se esgotou. Um sentimento coletivo de indignação se alastra pelas camadas mais amplas do povo enquanto se torna cada vez mais forte a exigência de que seja feita justiça de forma incondicionada e exemplar.

Mais do que nunca a CPI tem que ser pra valer! Se queremos verdadeiramente defender as instituições democráticas, uma vez apuradas as responsabilidades, temos o dever de punir a todos os que cometem crimes contra elas, inclusive, o próprio Presidente da República. Os fatos, cada vez mais evidentes e incontestáveis, clamam pelo impedimento de Collor.

A sociedade brasileira exige que, depois de concluídos os

trabalhos da CPI, seja imediatamente instalado o processo de *impeachment*, com tramitação a mais rápida possível para evitar os prejuízos da continuidade de um Presidente totalmente desacreditado.

SUBSCREVERAM O DOCUMENTO
CESAR SCHIRMER (PMDB) - PRES. DA ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO RS
JUSSARA CONY - LIDER DO PC DOB
FLAVIO KOUTZIL - LIDER DO PT
BETO ALBUQUERQUE - LIDER DO PSB
SÉRGIO ZAMBIASI - LIDER DO PTB
MENDES RIBEIRO FILHO - LIDER DO PMDB

DEPUTADOS DO PMDB
JOSÉ IVO SARTORI
FRANCISCO DE MEDEIROS
ATALIBIO FOSCARINI
GLENÓ SCHERER
JOÃO OSÓRIO
MÁRIO LIMBERGER
QUINTILIANO VIEIRA
VALDIR SCHMIDT

DEPUTADOS DO PTB
CAIO REPISO RIELLA
EDMAR VARGAS
IRADIR PIETROSKI
MANOEL MARIA
MARCELO MINCARONE
VALDIR FRAGA

DEPUTADOS DO PT
ANTÔNIO MARANGON
LUIZ CARLOS CASAGRANDE
IVAR PAVAN
MARCOS ROLIM

DEPUTADOS DO PDS
ERNY PÉTRY
JARBAS LIMA
OTTOMAR VIVIAN

DEPUTADOS DO PDT
BETO CRILL
POMPEO DE MATTOS
CLEI SANTANA
RENAN KURTZ
TAPIR ROCHA
LUIZ CARLOS FESTUGATTO
JULIO CESAR CASPANI

ASSINARAM ESTE DOCUMENTO
OLÍVIO DUTRA - PREFEITO DE PORTO ALEGRE, RS
JOSÉ BERTOTTI - PRESIDENTE DA UNE
EDSON SILVA - PRESIDENTE DO PC DOB/RS
SELVINO BECK - PRESIDENTE DO PT/RS
LUIZ DE CESARO - PRESIDENTE DO PSB/RS
JAIRO CARNEIRO - PRESIDENTE DA CUT/RS
TARSO GENRO - CANDIDATO A PREFEITO PELA FRENTE POPULAR
CARLOS ALBERTO DE CASTRO - CUT/RS
LAURO HAGGEMANN - LIDER DO PPS NA CÂMARA MUNICIPAL - PORTO ALEGRE
GERT SCHENKE - LIDER DO PV NA CÂMARA MUNICIPAL - POA
JOÃO MOTTA - LIDER DO PT NA CÂMARA MUNICIPAL - POA
+ CUT ESTADUAL
SINDICATOS ESTADUAIS (CEPERGS, SINERGUSUL ETC) E DEZENAS DE SINDICATOS E ENTIDADES ESTUDANTIS



**ALMIR
DESISTE**

Por não concordar com o "excesso de esperteza", o "oportunismo" e a "demagogia", o senador Almir Gabriel (PSDB) renunciou à sua candidatura a prefeito de Belém, pela coligação que reúne o governador Jader Barbalho (PMDB), o prefeito Augusto Rezende (PTB), o vice-governador Carlos Santos (PST) e alguns partidos de esquerda, como o PCdoB, o PPS e o PV.

Apesar de Almir Gabriel não ter citado o nome de ninguém em sua carta-renúncia, informações de bastidores dão conta que o irmão do prefeito Augusto Rezende, Perna Rezende, teria extorquido empresários para que contribuíssem com a campanha. E não repassava o dinheiro para o caixa. Outro fato que teria irritado o ex-candidato seriam as exigências de Barbalho em relação aos rumos da campanha e à composição do futuro secretariado. Porém o mais grave foi a informação de que no bolo dos cheques que PC Farias emitiu para financiar candidaturas em 1990, estaria um destinado a Sahid Xerfan (PTB), que disputou as eleições para governador com apoio da máquina da prefeitura e do governo do estado. Xerfan foi quem deu o aval dos empresários para a aliança com Almir Gabriel e indicou seu sobrinho, Jorge Xerfan, para vice.

Almir preferiu renunciar para não sujar suas mãos na lama das "famílias" e dos grupos que o pressionavam a "manter contratos privilegiados em favor de empresas da família (do prefeito Rezende) e suas extensões visíveis ou invisíveis", segundo a opinião do jornalista Lúcio Flávio Pinto (*Jornal Povo* nº 95). O episódio também serviu para demonstrar que a tática de alguns setores de esquerda, de se unir à direita para chegar mais rápido ao poder, não é correta. Almir Gabriel pagou caro pelo erro, manteve a dignidade de sair a tempo.

Infelizmente, nem todos aprenderam a lição. Quem substituiu Almir Gabriel na coligação colocada sob suspeita pelo senador foi a deputada federal Socorro Gomes (PCdoB). Ela vai ter que conviver com "espertos" e "oportunistas"; vai ter como candidato a vice um membro da família Xerfan, que ela chamava, no segundo turno das eleições de 1990 (quando apoiou Jader Barbalho), de "o que existe de mais reacionário". E terá toda sua campanha de rádio e televisão patrocinada pelas empresas de Jader Barbalho (Rede Brasil Amazônia e Rádio Clube do Pará).

PAULO ROBERTO FERREIRA
de Belém



DONA FLOR E SEUS DOIS MARIDOS

Collor vê na dupla ACM-Marcílio a salvação de seu mandato e abre um festival de concessões ao PFL e aos grandes empresários

Para os grandes jornais brasileiros, em especial os de São Paulo, a política brasileira transformouse nas últimas semanas em algo tão simples, como um desenho animado dos estúdios de Walt Disney. Como *A Bela e a Fera*, digamos.

O monstro é o governador baiano Antônio Carlos Magalhães, cacique supremo do PFL. Ele se aproveita da fragilidade de Collor para impor-lhe novos ministros e forçá-lo a esvaziar os cofres do Tesouro Nacional. Promove em seguida uma bacanal de fisiologismo, e procura comprar os votos que evitarão no Congresso o *impeachment* do presidente-refém.

BENEFÍCIOS. A donzela é o ministro da Economia, Marcílio Moreira. Frágil, mas virtuoso, ele emprega toda sua força moral para evitar o assalto ao erário público.

Há um senão, porém. Nas fábulas infantis o bem e o mal sempre se opõem,

e nunca se misturam. Marcílio e ACM, ao contrário, divergiram muito nos últimos dias, trocaram farpas publicamente, mas continuam coabitando o ministério de Collor. Será preciso então recorrer a obras mais reais, mais complexas - e certamente mais picantes.

Dona Flor e seus dois maridos, romance de Jorge Amado, por exemplo, mostra como personagens de estilos muito desiguais podem envolver-se em tramas extremamente proveitosas para ambos e, mais que isso, lutar juntos pela preservação do que lhes é benéfico.

Vandinho, irreverente e folgazão, e Teodoro, metódico e comedido, dividem o leito cáldo de Dona Flor, assim como o governador baiano e o ministro da Economia compartilham o ninho sedutor do poder.

ACM e Marcílio. Em que pesem as rivalidades, os bate-bocas e mesmo um ou outro sopapo, souberam compreender que, se o estranho *ménage à trois*



que mantêm com Collor é frágil, o conjunto só se sustenta sob a forma de triângulo, e por isso precisa conservar sempre os três vértices.

A grande burguesia paulista, que vê em Marcílio o homem capaz de executar a modernização conservadora prometida por Collor, percebeu que o governo *não se agüenta* sem os votos pefelistas de Antônio Carlos Magalhães no Congresso. Esses votos impedem o *impeachment* e garantem a continuidade da política neoliberal. A oligarquia política que sobrevive agarrada aos votos das regiões mais atrasadas do interior, e que tem no PFL sua expressão máxima, soube perceber que o verniz de

refinamento proporcionado por Marcílio é essencial para manter a aparência de legitimidade do governo, sem a qual o próprio clientelismo terminaria se inviabilizando.

CONFLITOS. Certos amores parecem afirmar-se a partir de querelas e mesmo de fuxicos. O episódio que deu origem ao triângulo Collor-ACM-Marcílio teve início numa reunião ministerial, extremamente tensa, realizada em 1º de agosto.

Aos sinais de desgaste político incessante do governo Collor, somaram-se sintomas de aprofundamento da recessão e o ministério pareceu prestes a se dividir de modo irremediável. Premida pela necessidade de cumprir o acordo firmado em dezembro com o FMI, a equipe econômica, que já submete os investimentos públicos a um arrocho inédito desde o início do ano, anunciou que devido ao declínio da atividade econômica a arrecadação fiscal ha-

via caído 10% em julho, em comparação com a do mês anterior. Para que o país se mantivesse fiel aos acordos com o Fundo Monetário Internacional, anunciaram Marcílio e seus assessores, era preciso executar um novo corte de gastos, da ordem de 4,8 trilhões de cruzeiros.

A idéia chocava-se frontalmente com os planos levados ao encontro pela parte do governo sob cuja responsabilidade estão programas sociais e de construção de obras, que abrem amplo espaço à prática do clientelismo. O pefelista Ricardo Fiúza, da Ação Social, por exemplo, reivindicava suplementação orçamentária de Cr\$ 5,3 trilhões, para executar programas de saneamento e construção de moradias. Queixava-se que os cortes anteriores de Marcílio já haviam eliminado 66% dos recursos para assistência infantil. O petebista Afonso Camargo, ministro dos Transportes, reivindicava Cr\$ 450 milhões mensais, para recuperação de estradas. E o liberal João Mellão, do Trabalho, queria outros Cr\$ 5 trilhões. Se não se estancasse o arrocho sobre os gastos sociais, pareciam ter argumentado os ministros reivindicantes, o governo estrangularia fatalmente os meca-

nismos que alimentam a relação de congressistas com suas bases de sustentação, especialmente nos grotões do interior. Quais seriam as conseqüências de tal atitude num momento em que crescem as pressões sobre o mandato do presidente?

BATE-BOCA. Posto contra a parede por pressões igualmente poderosas, mas de sentidos opostos, o presidente Collor preferiu decidir. O encontro ministerial terminou como se não tivesse ocorrido. Diante da indefinição sobreviria nos dias seguintes uma disputa encarniçada, em que cada um dos setores foi arregimentar forças para fazer prevalecer sua posição. Restrita aos bastidores, na maior parte do tempo, a polêmica veio a público mais de uma vez, e provocou sequelas políticas muito graves para o Planalto.

A primeira, e mais notória, foi o surgimento de especulações crescentes sobre uma possível

demissão coletiva da equipe econômica. Por trás delas havia um fato muito concreto. Extremamente agastado com a reunião do dia 1º, o presidente do Banco Central, Fernando Gros, comunicou em seguida ao ministro da Economia sua intenção de deixar o governo, segundo asseguraram *O Globo* e *Jornal do Brasil*. Só desistiu de fazê-lo porque Marcílio pediu que aguardasse três ou quatro semanas, antes de tomar uma decisão. Um dia depois, no entanto, abandonava o barco do Planalto o ministro da Educação, José Goldemberg, outro auxiliar de Collor que contava com estrita confiança dos setores ligados ao grande capital.

O presidente Collor reagiu com rapidez impressionante à renúncia de Goldemberg, por certo para evitar que ela fosse seguida por novas defecções, e por uma crise de governo que teria conseqüências dramáticas. Eraldo Tinoco, o substituto, é homem de estrita confiança do governador Antonio Carlos Magalhães. Com a mudança, o PFL passava a controlar sozinho ao menos 40% da distribuição das verbas pelos ministérios. O Palácio do Planalto procurava consolidar a todo custo o núcleo central da bancada que pode livrá-lo do impeachment.

O bate-boca entre os dois setores do governo se estenderia ainda por alguns dias. O ministro Ricardo Fiúza atacou duramente a política de Marcílio no dia 4. Disse ter mais consciência da necessidade do combate à inflação que "90% dos auxiliares de Marcílio", a quem, chamou de "canalhas". Nos dias seguintes, declarações de teor semelhante seriam feitas pelo líder do governo na Câmara, Luiz Eduardo Magalhães, e pelo próprio ACM. Referindo-se ao PFL e ao ministro, o governador da Bahia advertiu: "Não devemos sequer aparentar ser responsáveis pela manutenção dele". Aos olhos da opinião pública, a queda do ministro da Economia era questão de horas.

ACORDO. Na realidade, uma série de arranjos de gabinetes, feitos desde a reunião ministerial de 1º de agosto, já havia, a esta altura, selado a permanência de Marcílio.

Após uma bateria de negociações, os representantes das duas partes litigantes da equipe de governo haviam conseguido chegar a uma fórmula capaz de preservar tanto os acordos com o FMI e a política de "austeridade" monetária exigidos pelos grandes empresários, quanto a continuidade dos métodos fisiológicos dos quais os ministros da área social pretendem servir-se para assegurar a manutenção do mandato de Collor.

A equipe de Marcílio comprometeu-se a vasculhar o orçamento em busca de recursos que possam ser remanejados para os ministérios da Ação Social, Saúde e Transportes. Autorizou de imediato o emprego de Cr\$ 5 trilhões, pertencentes ao patrimônio do FAT - um fundo que deveria financiar o programa de seguro-desemprego - para o pagamento de hospitais particulares conveniados com o Inamps. O simples conhecimento desses fatos é suficiente para revelar o ridículo da imagem que pretende apresentar Marcílio como uma peça de resistência à corrupção e ao clientelismo.

Compreensivo em relação à impossibilidade de remover o espevitado Antonio Carlos

O DISCRETO CHARME DA BURGUESIA

A grande imprensa destacou que o depoimento do diretor-superintendente do Grupo Votorantim, Antônio Ermírio de Moraes, à CPI de PC Farias, foi "o mais cordial de todos". Foi mesmo. Tanto os parlamentares do governo como os da oposição trataram o empresário paulista com extrema deferência. O que a grande imprensa não destacou é que a estória contada por Ermírio, para explicar o pagamento de 239 mil dólares à empresa EPC, de PC Farias, por conta de um suposto adiantamento por serviços de consultoria, é tão iverossímil quanto a "Operação Uruguai", inventada pelo ex-secretário do presidente Collor, Cláudio Vieira.

Antônio Ermírio disse que só tomou conhecimento desse pagamento há pouco mais de um mês, quando a Polícia Federal o chamou para depor sobre o assunto. Não deu detalhes sobre o negócio, alegando que o mesmo não aconteceu em área de sua responsabilidade administrativa. Afirmou que se tivesse ocorrido na sua área, "teria sido mais duro", exigindo, por exemplo, fiança bancária para fazer o adiantamento. Mas reconheceu que dificilmente teria se negado a fechar o negócio, tendo em conta o relacionamento de PC com o presidente da República.

O diretor-superintendente da Votorantim disse que a possibilidade do negócio surgiu quando Fernando Collor ainda era governador de Alagoas e o procurou, solicitando que estudasse a possibilidade de o Grupo Votorantim investir naquele Estado no setor cloro-químico e no

refino de petróleo. Quando Collor foi eleito à presidência da República, PC Farias teria, então, procurado alguns diretores da Votorantim oferecendo os serviços da EPC para elaborar pareceres sobre a viabilidade de investimentos em Alagoas. Por causa do prestígio de PC - "ele dava a impressão de ser homem da mais absoluta intimidade do sr. presidente da República", - os diretores da Votorantim teriam feito o adiantamento de 239 mil dólares. Porém, como os tais estudos demorassem a aparecer, a Votorantim teria mandado investigar a EPC, descobrindo que a mesma era uma pequena empresa, sem condições de prepará-los. O negócio foi então desfeito, disse Antônio Ermírio. "Foi um erro nosso, que só deu prejuízo", arrematou, confessando não ser nenhuma "vestal" em termos de moralidade.

Toda esta evidente cascata foi contada num clima ameno e descontraído, ponteados por apertados que tratavam o empresário como "exemplo de honradez", "que dignifica a CPI", "cidadão e homem de produção paradigmático".

No final, Antônio Ermírio não soube explicar ao deputado Aloízio Mercadante (PT-SP) por que não processou PC Farias para exigir o ressarcimento do prejuízo. E ao deputado Aldo Rebelo (PCdoB) negou que tivesse contribuído com uma "caixinha" para comprar votos de parlamentares favoráveis ao projeto de "modernização da economia", enviados por Collor ao Congresso Nacional, conforme denunciou o jornalista Jânio de Freitas.

ANTÔNIO CARLOS QUEIROZ,
de Brasília



Magalhães, seus métodos ou as forças que o apóiam, dos postos em que se aninharam junto ao Planalto, Marcílio, o comedido, conquistou em troca o seu lugar junto à Dona Flor que habita o Palácio do Planalto. Os objetivos do ministro da Economia jamais foram combater a corrupção, mas sim preservar a política econômica que ele próprio executa, e que os grandes grupos econômicos aplaudem. A este programa "o presidente da República voltou a reafirmar seu total apoio", comemorou Marcílio em entrevista coletiva que concedeu logo depois de uma das reuniões que selaram a paz no ministério.

Como se fosse pouco, o próprio Marcílio encarregou-se de promover, por conta própria, um festival particular de concessão de favores a grupos privados. Em 6 de agosto ele anunciou um programa de créditos subsidiados aos empresários agrícolas que soma 5,2 bilhões de dólares, e supera em quase US\$ 1 bi os recursos alocados no ano passado. Embora a grande imprensa não tenha feito alarde, ficou claro já naquela data que os recursos para tais empréstimos seriam obtidos através da emissão suplementar de títulos públicos, o que obrigará uma alteração na própria Lei de Diretrizes Orçamentárias para 1993, já votada pelo Congresso. Transpareceu também que Marcílio era bem menos ortodoxo na rejeição ao fisiologismo quando ele próprio se beneficiava do apoio dos políticos. Ainda no dia 6 de agosto o ministro recebeu, entusiasmadamente, mais de 100 parlamentares da bancada ruralista, que queriam agrade-

cer-lhe a liberação do financiamento e prestar solidariedade contra os ataques que lhe dirigira Antonio Carlos Magalhães.

POCILGA. Marcílio não poria fim ao movimento que marcou sua permanência no ministério sem, contudo, presentear diretamente os grandes empresários. No dia 11, seguindo recomendação do ministro, a secretária nacional da Economia, Dorothea Werneck, anunciou que o governo prepara-se para remeter ao congresso mensagem propondo a criação de um novo título público, destinado a financiar com recursos do Estado os empresários feitos pelas indústrias a pretexto de promover a "retomada da produção". A prevalecer a idéia, os empresários passarão a ganhar duplamente com a política de juros altos. Como credores da dívida pública, continuarão usufruindo dos juros reais de 60% ao ano, custeados pela população com seus impostos. Ao fazerem empréstimos junto aos bancos, no entanto, pagarão apenas taxas equivalentes às internacionais - cerca de 5% ao ano - encaregando-se o Tesouro de completar a diferença.

Num governo em crise, como numa casa onde falta o pão, "todos brigam e ninguém tem razão", já alerta o brocado. Por isso, não se deve pensar que a aliança entre Antonio Carlos Magalhães e Marcílio Marques Moreira, seja duradoura. Será mais fácil, no entanto, desmoralizar junto à opinião pública o acordo parece dar alguma chance a Collor na votação do

DANÇA DOS CORRUPOTOS

Segundo o "Mapa da S Elites", pesquisa mensal realizada entre líderes políticos, empresariais e sindicais pelo boletim "Carta Política", ACM era visto em julho como o político de maior poder no país, superando Collor e Quéricia.

impeachment, se transparecer com clareza o lamaçal em que distintos setores das classes dominantes mergulharam, para firmá-lo.

ANTONIO MARTINS

OUIDOR GERAL

QUESTÃO DE TEMPO. Na saída do Metrô, em São Paulo, o homem da TFP, com aquela panaria vermelha, e de leão em punho, me abordou: "Assina aqui, é um abaixo assinado pedindo ao presidente que derrube as leis de reforma agrária e de reforma urbana que estão no Congresso". "Não quero", respondi, acrescentando: "eu quero é derrubar esse presidente". "Não faz mal", retrucou o dedicado militante, "antes dele sair ainda dá tempo de derrubar os projetos". Ó tempora, ó mores!

AGOSTO, MÊS DE DESGOSTO.

Trinta e oito anos atrás o presidente Vargas, só por ter ensaiado uns tímidos passinhos à esquerda, foi arrancado de sua cama no Catete e jogado na lama pela mesma elite que ele tanto ajudara antes. Levantaram-se indignados os barões da imprensa, do café, e dos arredores, todos os americanófilos de então, para exigirem a moralidade no governo. Getúlio matou-se abrindo o espaço de um ritual de sangue que nos levaria ao golpe de 1964 e aos massacres de 68/73.

AGORA, A CONTRAGOSTO.

Pois é. Agora, Collor & Cia. ilimitada pisotearam na lama, se lavaram nela, chafurdaram, cuspiram na cara de todo mundo, respingaram lama para todo o lado - para que então, timidamente, uma parte da elite considere que ele põe em risco os dedos de todos para manter os seus anéis! E ainda assim aí estão figuras como Celso Lafer - cuja reputação é inatacável - dando sustentação e apoio a este carnaval de palhaçadas em que vai se transformando a defesa do governo. Marcílio confere aquele ar de "respeitabilidade empresarial" ao conjunto. E Fiúza, na TV, faz o estilo deixa que eu chuto, querendo fazer do IPT o bode expiatório de tudo. Enquanto isso, Brizola engasga explicações mal costuradas e ACM... Até quando, meu Deus! Há de fato uma conspiração em curso, e o militante da TFP tem razão: trata-se de aproveitar o homem enquanto dure - mesmo que seja dois anos, e então não haja mais país.

FLÁVIO AGUIAR



VITÓRIA

RICOS PAGAM, POVO APROVA

Cinco meses antes de seu encerramento, a administração do PT em Vitória, capital do Espírito Santo, conta com o apoio de 80% da população, de acordo com as pesquisas de opinião, e o prefeito Vitor Buaz é o maior cabo eleitoral da cidade. A maior evidência disso é que nenhum dos quatro candidatos que disputam a sucessão de Buaz se apresenta como oposição à administração.

Em 1985, o médico Vitor Buaz, 48 anos, ex-presidente do sindicato da categoria, foi candidato a prefeito numa coligação com o PSB e PCdoB e chegou em segundo lugar, enfrentando um PMDB unido. Em 1988, elegeu-se prefeito tendo como vice o jornalista Rogério Medeiros, também do PT, compondo a "Frente Vitória", com PCB, PSB, PSDB, PCdoB, PV e PH. O PSB se afastaria posteriormente da administração, por divergências na escolha do secretário de Ação Social. A administração encontrou a Prefeitura com uma dívida de 30 bilhões de cruzados novos e atraso de dois meses no pagamento do funcionalismo.

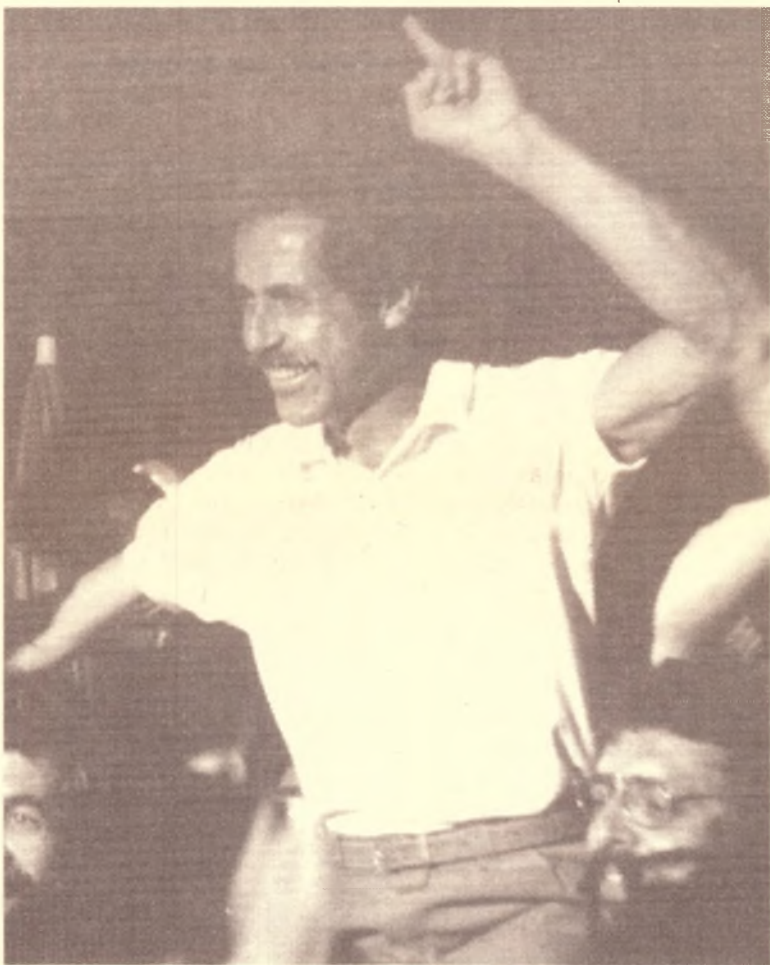
O vice-prefeito Rogério Medeiros diz que o êxito obtido pode ser resumido numa iniciativa simples: botar o rico para pagar impostos. Em Vitória, até 1988, explica, grandes empresas e empresários deixavam de pagar seus impostos e depois pediam anistia, negociando para baixo.

Um exemplo era a Companhia Vale do Rio Doce, que acumulava as dívidas e depois propunha o pagamento de 30 a 40% do seu valor. Foram selecionados 150 entre os maiores devedores e a prefeitura partiu para a cobrança, ameaçando inclusive fazer desapropriações. A receita pulou de 3 bilhões de cruzados novos mensais para 14 bilhões. Hoje as finanças estão equilibradas e a própria Lei Orgânica acabou com a possibilidade de anistia para os devedores de tributos. O orçamento para 1992 é de Cr\$ 100 bilhões.

ALGUNS RESULTADOS. Uma das prioridades foi estabelecer uma política salarial de reposição automática de perdas e aumentos reais de acordo com a receita. Hoje, um gari ganha Cr\$ 2,1 milhões. Isso sem onerar os contribuintes mais pobres: quem ganha menos teve seu IPTU reduzido por uma nova escala de contribuição. A educação, setor prioritário, tem 35% do orçamento. Foram implantadas novas escolas e

aproveitados espaços alternativos. Neste ano, sobraram 2.500 vagas na rede municipal, fato inédito. Os salários dos professores de Vitória estão entre os melhores do país, há excelentes condições de trabalho, um currículo novo, e novas disciplinas, inclusive a história dos negros e dos índios. O prefeito destaca o conceito pedagógico adotado, de "educação integral" para a vida, e não apenas o ensinar a ler e escrever.

Na cultura, a Lei Rubem Braga permite que as empresas invistam em atividades da área, através da redução de impostos (em menos de um ano de existência da lei, houve 1,8 bilhão de investimentos). Na área de esportes, a Lei Jayme Navarro dá o mesmo tipo de incen-



VITOR BUAZ

Participação popular, fim da corrupção, educação como prioridade, ricos pagando impostos... e 80% de aprovação nas pesquisas.

tivo para subvencionar esportes amadores e os recursos para 1992 somam Cr\$ 2 bilhões, inclusive para a adoção de atletas, que recebem durante um ano (período renovável por mais um ano) Cr\$ 2,1 milhões mensais só para estudar e praticar esporte.

MUDANÇA RADICAL. A população participa e interfere na definição do orçamento municipal, através de suas entidades representativas. A experiência está hoje consolidada. Há critérios para impedir que falsas lideranças manipulem as decisões em seu próprio interesse. As assembleias de bairro devem ter no

O CANDIDATO COSER

O candidato do PT a prefeito de Vitória é João Carlos Coser, filho de pequeno agricultor que iniciou sua militância na atividade pastoral, como membro do Conselho da Comunidade de Base do Bairro do Itararé, e hoje exerce seu segundo mandato de deputado estadual. Ele ajudou a fundar a CUT no estado, foi membro de sua primeira direção, presidiu o Sindicato dos Comerciantes e ocupou vários cargos na direção do PT.

Coser disputou a prévia eleitoral, em abril, com o vice-prefeito Rogério Medeiros, num encontro que teve a participação de mais de seiscentos filiados, vencendo por 70 votos. Rogério era apoiado por Vitor Buaz. De lá para cá, conseguiu o apoio do governador do estado, Albuíno Azeredo, principal liderança do PDT, partido que indicou para vice o engenheiro João Luiz Tovar. A "Frente Vitória" conta também com o PSB e o PCdoB.

Quem lidera as primeiras pesquisas é o deputado federal Paulo Hartung, do PSDB (apoiado também pelo PMDB, PV, PPS, PPR, PMN e PL). Outros candidatos são o médico Luiz Buaz (PFL), primo de Vitor, e José Gotardo (PST). Mas o número de indecisos ainda é muito grande. Coser confia na reversão do quadro e aguarda com ansiedade o comício de 20 de agosto, com a participação de Lula. Outro fator que poderia favorecer o candidato do PT é o engajamento do prefeito na campanha. Ocorre que o pré-candidato de Buaz - o atual vice, Rogério Medeiros - foi derrotado nas prévias por Coser, e as feridas permanecem abertas. Mas se é verdade que Buaz não se entusiasma muito com a candidatura Coser, também é verdade que ele próprio acha que o prestígio da administração não é apenas seu, mas também do PT, que é o partido mais forte em Vitória.

mínimo 50 pessoas, e cada área deve ter somente uma entidade representativa. Hoje, calcula-se que 70% dos bairros estão representadas nas discussões do orçamento. Vitor Buaz acredita que a administração petista introduziu uma mudança radical na vida da administração pública de Vitória. Acabou com a prática de corrupção, terminou com o privilégio das empreiteiras (só 8 participavam das concorrências, hoje são mais de 90). Rogério Medeiros destaca na administração uma visão conjunta da cidade, e o estímulo à participação de setores organizados dos trabalhadores e empresários, através dos diversos conselhos criados.

PROBLEMAS. Uma dificuldade enfrentada pela administração petista é a questão do funcionalismo. Hoje são 7 mil pessoas, dos quais 40% fora de suas funções e desqualificadas para o serviço.

A opção por não demitir em massa levou a uma política de tentar qualificar os recursos humanos existentes. Rogério Medeiros avalia que houve uma certa incompetência nesta área. Uma parte significativa do funcionalismo não correspondeu à política salarial adotada, e a categoria continua liderada por setores que se opõem à administração. O PT e a CUT se ausentaram da discussões e várias greves foram re-

alizadas, especialmente nos dois primeiros anos de administração. Buaz acredita que hoje existe um clima de paz com relação ao funcionalismo.

Houve problemas também com o movimento popular, por causa do alto índice de cooptação das lideranças por administrações anteriores. Mas o prefeito acredita que o maior adversário da administração tem sido a Justiça. "Existe um sem número de processos de funcionários requerendo o que não têm direito e recebendo ganho de causa da Justiça. Várias firmas poluidoras têm conseguido funcionar graças a liminares judiciais", exemplifica.

POLUIÇÃO. Nessa questão do meio ambiente houve um avanço, com a prefeitura exercendo poder de polícia contra empresas poluidoras, e foi instalada uma usina de lixo.

Mas embora a prefeitura e o governo do estado tenham enquadrado empresas como a Siderúrgica de Tubarão nas normas de controle e redução gradativa da poluição, as praias continuam poluídas, pois recebem esgotos dos municípios vizinhos.

Na saúde, houve ampliação e equipamento dos postos, mas há o problema da precariedade dos serviços oferecidos nos quatro municípios que circundam a capital e a omissão do governo do estado.

"Qualquer serviço que se melhora em Vitória atrai moradores das outras cidades", explica o vice-prefeito. A experiência administrativa do PT leva à proposta de luta pela criação da Região Metropolitana da Grande Vitória.

Problemas e soluções seriam discutidos em conjunto. Mas há dificuldades políticas: os demais prefeitos receiam que o PT assumira o controle da região.

TINOCO DOS ANJOS,
de Vitória

Nada de novo na Paulista

**A derrota de Emerson Kapaz
comprova: as elites preferem
o estilo Mário Amato.**

Auditório lotado, gente pelas laterais, gritos, urros. No teatro do Sesi, nos fundos da pirâmide da Avenida Paulista, que abriga as entidades empresariais de São Paulo, processa-se a apuração das eleições da Fiesp e do Ciesp.

A chapa da situação está na frente. E aumenta cada vez mais a sua vantagem. A claqué pró-Moreira ocupa uns 80% de todo o espaço. Quinhentos senhores engratados - todos muito brancos, quase todos meio gordos - aguardam a proclamação do resultado final. Quando ele chega, centenas de rostos caricaturalmente patronais expressam um misto de regozijo e alívio. As vozes se erguem uníssonas: "Moreira, Moreira", e logo em seguida "Mário, Mário".

O candidato da situação, Carlos Eduardo Moreira Ferreira, havia vencido tanto as eleições para a Federação das Indústrias - onde só votam 121 sindicatos patronais - quanto o pleito do Centro de Indústrias, onde participaram cerca de 3 mil empresários.

PODER DE FOGO. O final chegou a surpreender. Nem tanto pela esmagadora vitória do candidato de Mário Amato na Fiesp, mas fundamentalmente pela derrota da chapa de Emerson Kapaz no Ciesp. Todas as pesquisas de opinião divulgadas na imprensa apontavam a vitória de Kapaz no Ciesp e a de Moreira Ferreira na Fiesp.

Embora formalmente a CNI (Confederação Nacional da Indústria) seja a representante máxima do empresário brasileiro, a Fiesp e o Ciesp desempenham há décadas papel incomparavelmente mais destacado. Estima-se que as empresas que estas entidades congregam representem 18% do PIB brasileiro e 50% da produção industrial. Somados, seus orçamentos para 1992 ultrapassam os 40 bilhões de cruzeiros. Amparados em seu enorme peso econômico, os industriais

Paulistas - para citar apenas algumas das intervenções na história mais recente - investiram contra o congelamento de preços do Plano Cruzado, somaram-se aos credores externos para atacar as sucessivas suspensões do pagamento da dívida externa, e apoiaram de forma aberta Collor de Mello na disputa presidencial de 1989. Mário Amato chegou a dizer que centenas de milhares de empresários deixariam o país caso Lula ganhasse as eleições. As eleições da entidade costumavam ser um mar de tranquilidade. A primeira diferença surgiu em 1979 quando Luis Eulálio de Bueno Vidigal derrotou Theobaldo de Nigris, então há treze anos no cargo de presidente. Mário Amato foi eleito em 1986 e reeleito em 1989.

OPOSICIONISMO. Durante sua gestão começaram a surgir no próprio meio empresarial discordâncias quanto ao modo da Fiesp negociar com o governo e com os trabalhadores. O núcleo crítico de oposição à Fiesp reunia principalmente jovens empresários que buscavam "canais de expressão de uma nova mentalidade". Desse núcleo surgiu em 1987 o PNBE - Pensamento Nacional das Bases Empresariais. Com pretensões nacionais, o PNBE é ainda, na verdade, bastante paulista, com 65 a 70% de seus filiados na grande São Paulo. O fato é que o movimento cresceu, ocupou espaço na vida política do país e acabou projetando as suas lideranças, entre elas Emerson Kapaz.

Um outro grupo de empresários fundou o Iedi (Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial), por fora da estrutura da Fiesp. Mas por fora mesmo surgiu o Simpi (Sindicato das Micro e Pequenas

Indústrias). Organizado segundo o tamanho e não o ramo de atividade, o Simpi trava uma luta judicial com a Fiesp para ser reconhecido por esta e poder fazer parte da poderosa Federação.

Ao participar da disputa, a oposição não deixou de levar em conta uma diferença essencial na constituição das duas entidades. O Centro das Indústrias do Estado de São Paulo (Ciesp) foi fundado em 1928, como uma associação livre, de adesão voluntária. Da primeira diretoria participaram nomes como José Ermírio de Moraes (o pai), Francisco Matarazzo e Roberto Simonsen. Hoje, das cerca de 100 mil indústrias registradas no estado, 8.764 pertencem ao Ciesp, mas somente 5.780 estavam com suas contribuições em dia, portanto aptas a votar nas últimas eleições. Apesar disso, é um número significativamente maior que os 121 sindicatos da Fiesp. É de fato a disputa no Ciesp foi mais equilibrada. Dos 3.333 votantes, 1.731 preferiram a chapa 1 (Moreira) e 1.591

a chapa 2 (Kapaz).

Já a Fiesp foi fundada em 1931, imposta por lei. A estrutura organizacional é a mesma que rege também os trabalhadores. Há os sindicatos, as federações e as confederações. E a entidade controla ainda o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai) e o Serviço Social da Indústria (Sesi). Desde a fundação da Fiesp as ações das duas organizações patronais se confundiram. Um exemplo disso é o fato de nunca ter havido presidentes diferentes para as entidades. Mas a importância política ficou sempre com a entidade oficial, ligada à estrutura ditada pelo estado. Dos 121 sindicatos ligados à Fiesp, 95 (78%) escolheram Moreira Ferreira.

Novo ESTILO. A chapa de Emerson Kapaz apostou alto na diferença do "estilo" de fazer política. Sérgio Mindlin (Metal Leve), da chapa de Kapaz, no calor da derrota ainda frisava o "estilo". Segundo Max Altman, empresário ligado ao PNBE e

também oposição, a ênfase era dada para o processo, "o processo democrático de discussão, tanto do ponto de vista da entidade Fiesp quanto da sociedade, da elaboração da política econômica com a participação de trabalhadores e empresários".

O próprio Kapaz deu a sua noção de "processo" em artigo publicado ainda em fevereiro: "Queremos interferir na abertura da nossa economia, partindo do pressuposto de que ela é inquestionável como meta, mas discutível enquanto processo". E concluiu: "Não podemos correr o risco de, sob o pretexto enganoso de uma rápida modernização, caminhar para um processo de desindustrialização e sucateamento de nossa indústria".

Ao longo da disputa, pressionada pelo conservadorismo do eleitorado que pretendia conquistar, a chapa 2 abrandou pouco a pouco boa parte dos pontos programáticos que a separavam da situação. É revelador que os dois principais pontos de ataque à candidatura de Kapaz tenham sido o fato dele ter declarado voto pró-Lula no 2º turno em 1989 e o ter prestado solidariedade a Vicentinho, quando das demissões na Brastemp, em 1991.

Na disputa do Ciesp, pesou, além disso, uma inesperada e até agora inexplicada adesão de última hora do Simpi à chapa 1, cujos integrantes atuaram com intransigência, ao longo dos últimos anos, para impedir a filiação do Sindicato das Micro e Pequenas Indústrias à Federação.

No final, não prevaleceram nem "estilo" diferente, nem "processo" democrático. O setor mais poderoso da burguesia brasileira, representada neste seu segmento paulista, realçou nas eleições a disposição de nada mudar e a concordância com o discurso ostensivamente reacionário de Mário Amato, principal cabo eleitoral de Moreira Ferreira.

ÂNGELA SOARES



À direita, o moço que eles acharam "barbudinho" demais

Por que eu assino Brasil Agora?



Devemos garantir todo o nosso apoio a iniciativas como o **Brasil Agora**, pois ele é um contraponto importantíssimo ao volume de informações alienantes que recebemos.

Telma de Souza
Prefeita de Santos

PREENCHA EM LETRA DE FORMA. Envie cheque nominal e cruzado à EDITORA BRASIL AGORA LTDA, Alameda Gleite, 1049 - Sta. Cecília - CEP 01215 - São Paulo/SP - Fones (011) 220.7198, 222.6318, 220.7718 e 223.2974

NOME _____

ENDEREÇO _____

CIDADE _____

FONE _____

UF _____

CEP _____

PROFISSÃO _____

- Assinatura 12 edições Cr\$ 50.000,00
- Assinatura para o exterior (semestral US\$ 30,00)
- Assinatura 25 edições (anual) Cr\$ 105.000,00
- Assinatura de apoio (anual) Cr\$ 160.000,00



**BRASIL
AGORA**

Assine você também

PIMENTA (AFRICANA) SEM REFRESCO

Novo Mundo? A garotada que andava soltando fogos pela "vitória universal da democracia e do liberalismo econômico" já levou uma invertida no Leste europeu (onde o capitalismo teima em não querer entrar) e na América Latina, onde o neoliberalismo e a democracia parecem rebelar-se contra a idéia de andar juntos. Afinal, a política ultraliberal do governo venezuelano já pôs em risco a democracia, e o que garante o liberalismo no Peru é um governo ditatorial. Agora, os saltitantes defensores da "Nova Ordem" têm também que botar as barbas de molho na África.

♦ **ÁFRICA DO SUL.** Uma boa dose de areia na máquina da "Nova Ordem" vem da África do Sul, onde o aparato repressivo do regime de apartheid resistiu à transição negociada, que tem como patronos o presidente branco Frederik De Klerk e o líder do Congresso Nacional Africano, Nelson Mandela. Para não perder a mamata, o setor mais duro do regime lança mão da violência dos zulus do partido Inkhata, favorecido durante décadas contra a maioria xhosa, com o objetivo de dividir o "campo" negro. Uma greve geral dirigida há duas semanas pelo CNA terminou com saldo de mais de 30 mortos, e o processo de transição está paralisado.

♦ **ANGOLA E MOÇAMBIQUE.** A crise nas negociações para o fim do regime de apartheid pode ter consequências negativas nos processos de pacificação entre os regimes de Angola e Moçambique, e as respectivas facções guerrilheiras conservadoras (Unita e Renamo), historicamente apoiadas pelo governo sul-africano. Angola está com eleições marcadas, enquanto o cessar-fogo em Moçambique deve ter início em 1º de outubro.

♦ **SOMÁLIA.** No entanto, o exemplo mais trágico na África do fracasso da "Nova Ordem de paz, democracia e liberalismo" vem da Somália. Ali, três quartos das crianças até cinco anos de idade poderão estar mortas de fome até o fim do mês, se não houver uma rápida iniciativa internacional. A Somália sempre foi palco de disputas entre regimes e forças guerrilheiras aliadas ora com a Casa Branca ora com o Kremlin. O ditador Siad Barre foi derrubado em 1991, em nome da democracia, mas a guerra continua entre as forças de Mohamed Aideed e Ali Mahdi Mohamed. E tudo isso sem guerra fria.

JAYME BRENER



OLIMPIADA

O ouro que não veio

Nossa escassez de medalhas é produto do fisiologismo, da falta de investimentos e da barbárie política.

"O jogo agora é para profissionais. Façam suas apostas". Não, essa frase não está na porta de um cassino de Las Vegas, mas bem que poderia ter sido colocada na frente da sede do Comitê Olímpico Internacional. Barcelona marca o fim da hipocrisia nos Jogos Olímpicos. Acabou a fase romântica do amadorismo puro, ou a fase cinzenta do amadorismo marrom. Agora a tendência é que a Olimpíada seja, cada vez mais, o encontro dos melhores atletas do mundo, não importa quem pague a conta.

E alguém tem que assinar o cheque. Pode ser o Estado ou a iniciativa privada, mas o dinheiro tem que sair de algum lugar. Uma medalha de ouro não se ganha só com boa vontade e amor à camisa. São precisos muitos recursos que vão desde investimentos gerais na saúde e na educação, até a destinação de verbas específicas para a manutenção e a preparação rigorosa de atletas de alto nível. Só dinheiro, no entanto, também não basta. É preciso que haja vontade e determinação política na orientação dos recursos, por mais escassos que eles sejam. Por que Cuba (e não o Haiti, ou o Brasil) chegou em 5º lugar nessa Olimpíada?

E quando se fala em vontade olímpica, está se pensando na ação de estadistas capazes de entender o esporte como uma importante dimensão da vida social de um povo. Infelizmente, no Brasil, esporte e política sempre se uniram de forma espúria e a consequência são as minguadas medalhas de ouro obtidas a cada quatro anos. É uma relação fisiológica que começa nos altos escalões da República, passa pelas imorais confederações e federações esportivas e se encerra no fisiologismo clientelista que marca as relações entre os anões políticos e os pequenos clubes de bairro.

FISIOLOGISMO ESPORTIVO. Os urros ensandecidos do presidente da República ao telefone saudando os campeões do vôlei, numa tentativa de se aproveitar de um sucesso alheio; o beijo deselegante do desqualificado ex-presidente da Confederação Brasileira de Judô na rainha Sofia e a farta distribuição de bolas e camisas de futebol por ex-secretários de Esportes de São Paulo em troca de votos na periferia explicam, por si só, porque o Brasil volta de Barcelona com apenas

três medalhas. Os jogos deste ano mostraram que esses três tipos de prática estão falidos. A elas se contrapõem políticas públicas que reduzam as desigualdades sociais; administrações esportivas calcadas na eficiência e não no personalismo dos dirigentes e programas governamentais que aliem a massificação de oportunidades esportivas com o apoio e o incentivo aos atletas de ponta.

Esse conjunto de atitudes conduz, sem dúvida, ao êxito olímpico. E por que isso é importante para uma nação? Porque o esporte tem o poder de canalizar sentimentos particularistas (nacionais, religiosos ou raciais) para uma arena de competição onde existem regras conhecidas e aceitas por todos, trans-



Félix Savón, peso pesado que conquistou uma das 14 medalhas de ouro para Cuba, um país com apenas 10 milhões de habitantes que também sabem bater.

OLIMPIADA CRIA UMA NOVA BARCELONA

Milhares de pessoas circulam entre as dezenas de fontes luminosas que enfeitam a avenida de acesso ao imponente Palácio das Exposições de Montjuïc, no coração de Barcelona. É uma noite muito quente de verão mediterrâneo e o clima lembra um pouco um carnaval carioca mais comportado. Olhando aquele impressionante conjunto de águas e luzes, um senhor não se contém e puxa conversa contando como eram as fontes em 1929, na inauguração do Palácio.

Há emoção em sua voz. Afinal entre a festa que ele viu menino e o espetáculo de hoje há um longo hiato de horror e tragédia: a Guerra Civil, a 2ª Guerra Mundial, a ditadura franquista. Foi um período literalmente seco e escuro, com fontes vazias e luzes apagadas. Os Jogos Olímpicos se transformaram na continuidade da Exposição Internacional de 1929 e deram aos catalões a certeza de que a noite de trevas passou.

Atrás do Palácio está o Estádio, construído na mesma época. Esperava abrigar as Olimpíadas de 1936, mas Barcelona foi preterida em favor de Berlim. A resposta da República espanhola foi a convocação de uma Olimpíada popular, aberta a todos os países que não quisessem participar da manipulação nazista sobre os Jogos de Berlim. A Guerra Civil impediu a realização desse sonho.

Por tudo isso, as Olimpíadas de Barcelona ficarão na história como uma das maiores festas de todos os tempos. A emoção do senhor ao rever as fontes de sua infância era a mesma do prefeito Pasqual Marragal ao declarar abertos os Jogos Olímpicos de Barcelona. Em seu terceiro mandato consecutivo, esse catalão socialista de 52 anos criou uma nova cidade para abrigar gente que veio de todo o mundo. Uma cidade que teve nos Jogos Olímpicos a grande oportunidade de se abrir para o mar e ser remodelada toda internamente. Ela agora está pronta para concretizar o novo sonho catalão: ser a capital sulina da nova Europa unificada.

(L.F)

IMPENSA LATINA

formando a disputa num jogo limpo, num "fair play", como lembrou recentemente o sociólogo espanhol Enrique Calvo. Para ele, "como o Estado moderno expropriou a violência aristocrata, o esporte moderno expropriou a luta aberta, substituindo-a pela competição regulada. E a chave reside, precisamente, na comum submissão de todos os jogadores às mesmas regras de jogo, transformando lutadores em esportistas. Esta é a essência da democracia processual: a supremacia indiscutível das regras comuns do jogo limpo que permitem resolver conflitos ordenada e civilizadamente, sem medo que ninguém exerça qualquer coação, abuse do poder ou faça trapanças". A vitória numa competição assim revela a capacidade de entender e introjetar essas regras. Basta ver o quadro geral de medalhas de todas as Olimpíadas da Era Moderna para perceber que, pelo menos, os vinte primeiros colocados são países que há muito tempo superaram o estágio da barbárie política e da pobreza absoluta.

FIM DO ANACRONISMO. Para o Brasil atingir esse patamar, além de resolver seus dramáticos problemas estruturais, necessita profissionalizar de vez o seu esporte. Em Atlanta, daqui a quatro anos, é possível que os mais caros astros do ciclismo e do beisebol também estejam presentes. Deixando de lado o box profissional que tem regras diferentes do box olímpico, ficaria apenas de fora o melhor do futebol mundial. Isso se prevalecer a política mesquinha da Fifa, presidida pelo brasileiro João Havelange, que teme a concorrência de uma Copa do Mundo no interior da Olimpíada. Mas isso é só uma questão de tempo.

Então, quando todos os esportes olímpicos se tornarem profissionais, crescerá o anacronismo dos clubes, confederações e federações amadoras. Isto não quer dizer que a iniciativa privada ou o Estado assumam para si toda a responsabilidade esportiva. O caminho das fundações públicas, geridas democraticamente, buscando recursos e obtendo dividendos onde for possível, sem submissão ao poder estatal ou à lógica do mercado, podem ser a trilha brasileira na direção do ouro profissional.

LAURINDO LAIO LEAL FILHO
jornalista, professor da ECA-USP e secretário municipal de Esportes, Lazer e Recreação de São Paulo

Saddam: ainda perigoso

Contra ele estão os xiitas e os curdos. Como isso não interessa aos EUA, ele

Dprovoca.

Dezessete meses após a derrota na Guerra do Golfo, o iraquiano Saddam Hussein está provocando muito mais estragos na política externa do presidente George Bush que suas tropas jamais causariam aos exércitos liderados pela Casa Branca. A resistência do irrequieto Hussein em permitir a fiscalização internacional sobre seus arsenais vem encurralando Bush diante de um dilema difícil: atacar ou não atacar outra vez o Iraque, eis a questão. Qualquer das alternativas pode representar a pé-de-cal definitiva nos sonhos de reeleição de Bush, em novembro.

No fim da guerra, os EUA decidiram manter os militares iraquianos no poder, temendo um novo governo onde curdos e xiitas teriam papel decisivo. Isso poderia levar ao reforço do Irã dos aiatolás xiitas como potência regional, além de dar um novo impulso à luta au-

tonomista dos curdos na vizinha Turquia, um aliado de primeira hora da Casa Branca.

Saddam Hussein gostou da carta branca, esmagou sem cuidados a oposição curdo/xiita e agora se dá ao luxo de provocar George Bush, sempre em seu estilo de dançar à beira do abismo, levando consigo os 18 milhões de iraquianos.

PROBLEMA ELEITORAL. Diante das primeiras resistências do Iraque à inspeção internacional, ao que tudo indica, Bush arquitetou um ataque *cirúrgico*, talvez um *raid* aéreo que desestimulasse a liderança

iraquiana. De quebra, George Bush poderia colher os louros de mais uma demonstração de força, com bons resultados eleitorais. O problema, para o presidente republicano, é que ele começou a despençar nas pesquisas diante do democrata Bill Clinton. E a grande crítica do opositorista dirige-se contra a insistência de Bush em "priorizar a política externa, deixando de lado a inflação e o desemprego nos EUA". Um novo ataque a Saddam Hussein, em tempos de rebelião em Los Angeles ou Nova York, corre o risco de gerar conseqüências negativas.

A dúvida sobre o que fazer criou novas dificuldades para Bush, já que entre atacar e não atacar Saddam Hussein o presidente ganhou a imagem de uma espécie de "Zé do Muro". E já que a tática de Bill Clinton é apresentar-se como mais republicano que os republicanos (o que a grande imprensa dos EUA chama de "moderados"), o vai-não-vai veio a calhar. Com as pesquisas teimando em apresentar os republicanos a rolar votos abaixo, fica claro então que Saddam Hussein é mais perigoso para a Casa Branca derrotado e amputado de seus mísseis *scud*.

MÁRCIO KUHN

EX-IUGOSLÁVIA

Sangrando lentamente

Interesses internacionais dificultam decisões para pôr fim ao massacre

Enquanto George Bush enfrenta problemas no Iraque, as Nações Unidas, e em especial a Comunidade Européia, não conseguem pôr fim à guerra civil na ex-Iugoslávia, ou melhor, ao verdadeiro massacre que as tropas sérvias (a maioria da população) vêm cometendo contra a nova república muçulmana.

Aliás, essas dificuldades de concretizar uma operação militar, até para garantir o simples envio de ajuda humanitária aos bósnios, contrasta com o *jogo-rápido* que foi a criação da força internacional, liderada pelos EUA, responsável pela destruição dos exércitos de Saddam Hussein.

No caso da ex-Iugoslávia, o *passo-tartaruga* da intervenção internacional explica-se porque a operação testa a mais mal-resolvida divergência entre os 12 integrantes da Comunidade Européia. Quer dizer, a realização de missões militares

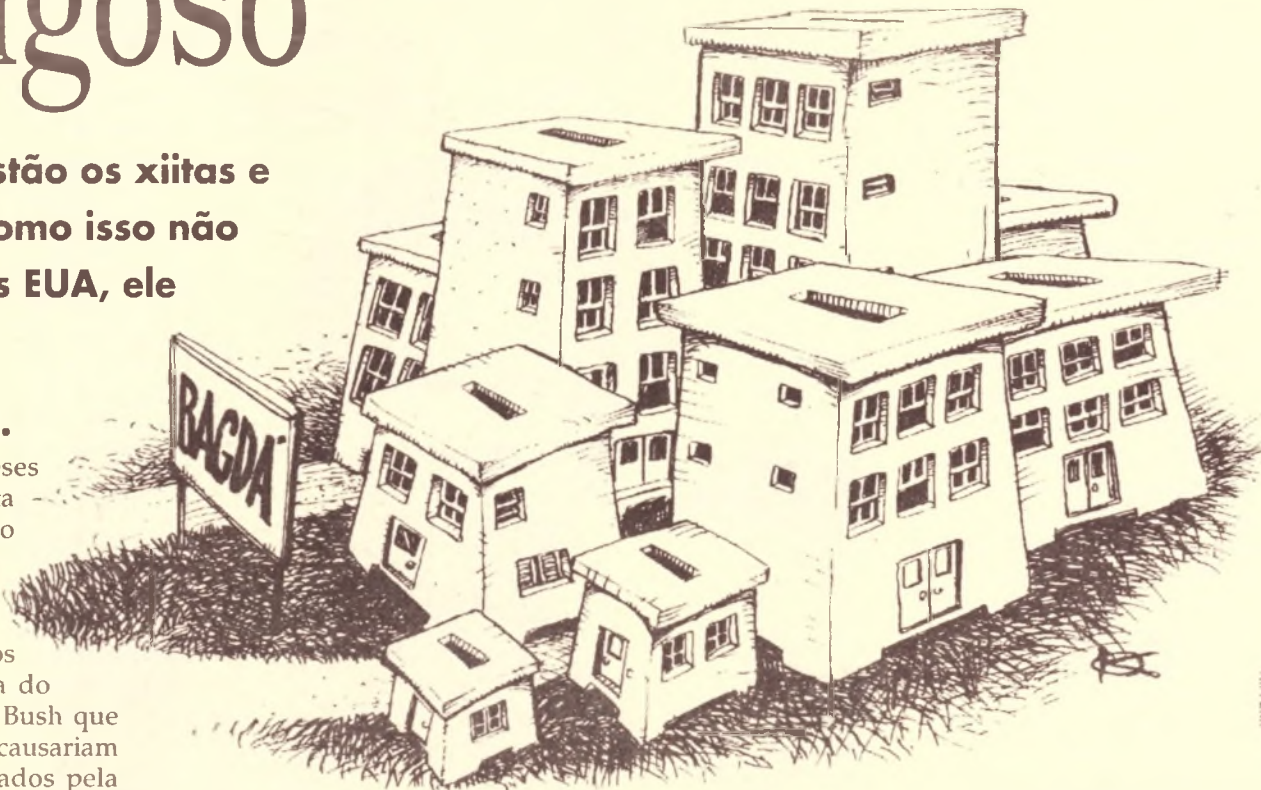
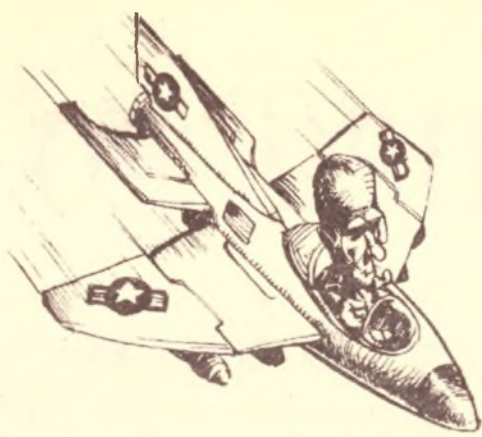
conjuntas, base para um futuro exército único, que tem a oposição dos EUA e de seu fiel escudeiro na Europa, a Grã-Bretanha. A Casa Branca teme que um exército europeu enfraqueça a OTAN, a aliança militar dirigida pelos EUA. Outro elemento que dificulta uma ação internacional é que vários países têm interesses nas novas repúblicas independentes da ex-Iugoslávia, interesses que poderiam ser prejudicados. A Alemanha é o maior aliado da Eslavônia e Croácia, a

Turquia se aproximou dos bósnios e a Grécia há meses fura por baixo do pano o bloqueio econômico contra o líder sérvio Slobodan Milosevic. Por fim, os europeus-ocidentais, que seriam a base dessa intervenção, resistem um pouco à idéia, porque há milhões de imigrantes ex-iugoslavos espalhados desde a Alemanha até a Suécia. E vários governos temem que uma operação militar na ex-Iugoslávia possa fazer o conflito entrar por suas fronteiras.

(M.K.)

SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE SINDICALISMO

A Comissão de Movimentos Laborais do Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais (CLACSO), o Instituto Sindical para a Cooperação com os Países em Vias de Desenvolvimento (ISCOS) e a Central Italiana de Sindicatos de Trabalhadores (CISL) promovem de 25 a 27 de agosto o 3º Symposium Internacional de Sindicalismo e Transformações Estruturais, com a participação de palestrantes nacionais e internacionais, sindicalistas e intelectuais. Inscrições e informações na Secretaria Nacional de Formação da CUT: (011)255-7500; ou na secretaria do evento: (011)813-0897.



O CASO MARIANA



O juiz Roberto Marquovich, de San Isidro, província de Buenos Aires, aguarda apenas uma última confirmação de exame genético para dar sentença definitiva sobre o caso Mariana Zaffaroni, de 17 anos, objeto de disputa judicial entre suas avós verdadeiras e o casal Furci, que a criou. O caso guarda especial dramaticidade porque o cabeça do casal, Miguel Angel Furci, argentino, era do aparelho repressivo durante a ditadura militar, e nessa condição foi um dos encarregados do chamado presidio Orletti, em Buenos Aires, para onde eram levados exilados uruguaios presos no país vizinho. De lá, em geral, desapareciam.

Furci participou ativa e diretamente do seqüestro e desaparecimento dos verdadeiros pais de Mariana, quando ela tinha pouco mais de um ano de idade, tendo ficado com a criança por concessão, segundo ele, de um oficial uruguio que, no entanto, se recusa a identificar (a história de Mariana está contada no *Brasil Agora* nº 18). Preso e ironicamente mantido na mesma chefatura de polícia para onde conduziu o casal Zaffaroni antes de levá-los a Orletti, Furci administra com cuidado seus segredos, que são, paradoxalmente, seu risco e sua garantia de vida, pois graças a eles, em parte, está na prisão - que hoje lhe é o lugar mais seguro.

Até o momento Mariana manifestou vontade de ficar com os pais de Furci, embora nunca tenha se recusado a contatos frequentes com suas avós. Mas o juiz está inclinado a conceder sua guarda às últimas, embora recomendando uma fase de transição, baseado no argumento de que uma aberração não pode prevalecer, por mais dolorosa que seja a verdade, neste caso.

(EXTRAÍDO DO JORNAL BRECHA TRADUÇÃO DE FLÁVIO AGUIAR)



NA CONFUSÃO DAS VIDAS

A viagem do Capitão Tornado - que no original italiano preservou "Capitão Fracassa" do romance de Theophile Gautier - é uma das obras primas do cinema. Em primeiro lugar Ettore Scola conseguiu sintetizar nele o fim de uma dramaturgia e o nascimento de outra, mais dinâmica e consciente em relação aos tempos que os personagens vivem. Nasce também um novo decoro dramático, dotado de uma dicção solta: no palco se improvisa, e o papel previsto no texto passa a ser um arcabouço sobre o qual o ator cria, segundo seu próprio talento e capacidade, o verdadeiro "personagem". As regras, antes fixas, vão se diluindo em contato com as feitas e ao longo dos caminhos por onde passa o grupo de saltimbancos.

Significativamente, o protagonista dessa passagem de uma dramaturgia e de uma cena para outra é um nobre arruinado que se juntou ao grupo. Pois com a nova dramaturgia nasce um novo decoro social, ou melhor, uma coisa nasce da outra, ambas vão se desdobrando em novas formas que prenunciam uma sociedade nova, que ainda às ocultas se tece no casulo da velha. Com essas mudanças surge uma noção diferente de amor, onde a vontade e as palavras dos parceiros são tão importantes quanto a convenção que se lhes supõe adequada. No confronto entre o jovem e inexperiente pretendente da atriz desempenhada pela belíssima Emmanuelle Béart e o encanecido aristocrata que a vê no palco e a deseja, forma-se, enquanto ambos duelam canhestramente, os parâmetros de uma nova forma de amor.

Aquilo que era amor imaturo e mútuo desejo de proteção se revela como tal e a possibilidade de um novo amor se desenha a partir do consentimento dos envolvidos. A noção de "indivíduo", que será a mola mestra da sociedade burguesa que ali vai se desenhando, começa a agitar as asas; e Ettore Scola acompanha isso com o olho de mestre de um refinado artesão e o olho crítico de quem é capaz de nos fazer perceber a profundidade das emoções que envolvem os personagens, sem que nelas nos percamos suspendendo o juízo crítico. É um filme primoroso, sob todos os aspectos: uma jóia na confusão das vidas. (F.A.)

A VIAGEM DO CAPITÃO TORNADO. UM FILME DE ETTORE SCOLA. COM EMMANUELLE BÉART, ORNELLA MUTTI, MASSIMO TROISI, EM LANÇAMENTO NACIONAL.



TELEVISÃO

Gringo, go home

Na série televisiva sobre a infância e adolescência do irrequeto arqueólogo Indiana Jones muito da graça irreverente do Indiana adulto desaparece. O Indiana do cinema trabalhava com a idéia de que a história, irreverentemente, podia ser refeita. Ela nunca acaba, portanto, pois modificar a compreensão do passado significa alterar as linhas do futuro. Os saltos cômicos em que o arqueólogo se via metido, indicavam esse assalto, no bom sentido, ao sentido da história.

HITLER E O LIVRO. É irresistível ver Hitler, no último filme da trilogia cinematográfica, autografar o livro, nas mãos do arqueólogo disfarçado, quando na verdade seu próprio serviço secreto busca desesperadamente a ambos - livro, que é o diário revelador dos segredos do Graal, e personagem, que querem vivo ou morto. A própria busca desses objetos sagrados - o Graal, a Arca Perdida, os poderes mágicos de uma mitologia arcaica - desloca seu significado, servindo de pretexto para o desenvolvimento das estripulias entre os personagens.

MITO E RITO. Na série agora apresentada na TV estamos longe desse clima divertidamente irônico, e que equivale a uma verdadeira aula de história, porque é dinâmico, mostrando a história enquanto ação, sucessão de feitos com sentido. Permanecem ainda certas características marcantes das produções originais: cuidado técnico impecável, reconstruções primorosas, cenários maravilhosos, figurinos preciosos. Mas na reavaliação da história o olhar irônico é substituído pelo culto ritual, e o andamento do filme assume um ar daquele refrão de Gonçalves Dias - "Meninos, eu vi!" -, que na TV congela a visão histórica

Indiana "Baby" Jones é bem menos irreverente do que seu irmão mais velho das telas de cinema. Como Fukuyama, ele se pergunta: será o fim da história?



Indiana na Primeira Guerra Mundial

dentro das molduras convencionais e pré-estabelecidas. Tudo adquire um halo kitsch, em vez da aura divertida provocada pela visão de uma cena de um ângulo inusitado, como, volto a insistir, aquele Hitler autografando o livro que ele mesmo busca e devolvendo-o à mão de seu inimigo. Na TV não, ou melhor, ainda não, pois estamos julgando o desenho de uma série pelo seu esboço inicial, em-

bora revelador. "Oh, agora é o T. E. Lawrence que vai entrar em cena!". Depois de andar pelas Arábias, o jovem Indiana reaparece no cenário da Revolução Mexicana: "Oh, aí estão Pancho Villa e o General Pershing duelando". O filme parece dizer "vejam, é assim", como numa versão naturalista de uma natureza morta, em vez de propor ao espectador "veja, isto pode ser visto assim", de modo

ta, testemunho de um espírito de mídia que tem dificuldade de pensar a história e pensar-se como parte da história, julgando-se às vezes o fim e a moldura definitiva desta. Por isso mesmo a série de TV dá vontade de dizer: go home, Indiana, de volta ao espírito irreverente que lhe fez um divertimento leve e instigante, e que ficou nos seus filmes irrepetíveis.

FLÁVIO AGUIAR

ANOS REBELDES

Fome de Liberdade

Livro mostra o engajamento dos presos políticos na luta pela anistia

Um lado realmente rebelde dos anos que a Globo trata como glamourosos acaba de vir à luz, não em forma de vídeo, mas de livro: *Fome de Liberdade*. É a fome retratada como forma de luta. Uma fome voluntária, de quatorze pessoas que deixaram de comer durante 32 dias, em defesa de uma anistia "ampla, geral e irrestrita", contra o projeto do governo de uma anistia parcial que beneficiava mais os torturadores e assassinos de opositores do que as pessoas que se levantaram contra o regime militar e foram presas e/ou exiladas.

No dia 22 de julho de 1979, teve início a greve de fome dos últimos presos políticos do Rio de Janeiro. Uma greve que duraria até 22 de agosto, chamaria a atenção da imprensa e da população, faria correr aos presídios, em apoio aos presos, artistas, sindicalistas, estudantes, trabalhadores em geral, políticos de esquerda ou mesmo ex-direitistas que se convertiram à democracia, como o então senador Teotônio Vilela. Foram 32

dias duros, mas que deixaram saudade: apesar de ser um tempo de ditadura, eles lembram uma época de esperança, de solidariedade e de lutas. Gilney Amorim Viana, hoje militante do PT do Mato Grosso, e Perly Cipriano, candidato a governador do Espírito Santo pelo PT em 1982 e hoje candidato a vereador em Vitória, eram dois desses quatorze presos. Organizaram, escreveram e guardaram documentos sobre a greve, com a intenção de publicar um livro logo que saíssem da cadeia, para contribuir na luta contra a ditadura.

Eles não foram beneficiados pela anistia. Saíram da cadeia sob liberdade condicional e, como dizem, "no tumulto de reconstrução de nossas vidas pessoais e políticas", perderam os originais, dos quais foi encontrada recentemente a cópia que deu origem ao livro, que tem fotos de outro ex-presos político,



Presos políticos do Rio posam no pátio do presídio. Gilney é o segundo de pé, da esquerda para a direita e Perly, o último.

Paulo Roberto Jabur, e prefácio de Luiz Eduardo Greenhalgh. *Fome de Liberdade* foi lançado em Vitória (ES), pela Editora Fundação Ceciliano Abel de Almeida, no

início de agosto, e deverá ter lançamentos também em São Paulo e Rio de Janeiro ainda este mês.

MOUZAR BENEDITO

Trinta anos sem ela

Era uma boa atriz. Mas ficou conhecida como bonita e burra, pelo gênero que representava.

Marilyn Monroe, último grande mito do cinema, morreu há 30 anos, quando as marquises luminosas desbotavam e o cinema deixava de ser mágica para contentar-se com sua condição de arte e indústria. Do velho império de Hollywood, com seu poder de ditar paixões, restou apenas Marilyn, um personagem tão íntimo do nosso dia-a-dia quanto qualquer estrela de novela das oito.

É verdade que ela teve, como tantas outras, o *technicolor*, o som e efeitos que talvez tivessem eternizado Norma Shearer, Glória Swanson ou Lilian Gish. É possível que a decadência de Hollywood tenha frustrado a substituição da última deusa. Mas o prazer de assisti-la dando trombadas no cenário com óculos de fundo de garrafa em *Como agarrar um milionário* se explica pelo talento. Faz-se muito discurso sobre Marilyn, quase sempre esquecendo de dizer que ela era uma boa atriz.

Quando ela chegou a Hollywood, em 1946, não havia trombetas nem tapetes vermelhos à espera. Era Norma Jean Baker, uma modelo gorducha com os cabelos pintados de *platinum blonde*. Sua tarefa era ser bonita, ninguém exigia - nem esperava - que soubesse representar. Contratada da Fox, ganhou o nome de Marilyn Monroe e um longo período de geladeira: Betty Grable era a estrela do estúdio, por incrível que pareça.

"ALGO MAIS". *Nascestes para mim*, (*You were meant for me*, 1947) foi o primeiro filme. Início de uma série de aparições insignificantes, exceto por uma ponta de 30 segundos em *Loucos de amor* (*Love Happy*, 1949), com os irmãos Marx e duas pequenas participações em *O segredo das jóias* (*The asphalt jungle*, 1950) e *A malvada* (*All about Eve*, 1950).

Era o bastante. Os donos da Fox podiam ser meio cegos, mas o público não. Até porque, diz John Huston - que dirigiu Mari-



lyn em *O segredo das jóias* -, o ingrediente fundamental de um mito cinematográfico é um certo "algo mais" imperceptível a olho nu, que só a sensibilidade da câmera e do celulóide é capaz de revelar.

Hollywood não sabia o que fazer com Marilyn: seu excesso de curvas a recomendaria para o tipo fatal e no primeiro trabalho importante, *Torrentes de paixão* (*Niagara*, 1953), ela faz uma peste de mulher, infernizando um caszinho em lua-de-mel. Mas 1953 não foi um mal ano: *Os homens preferem as loiras* (*Gentlemen prefer blondes*, de Howard Hawks) garantiu o estrelato. *Diamonds are a girl's best friend* - que ela canta sem dublagem num tomara-que-caia cor de cereja - foi um clássico instantâneo.

Howard Hawks era um revelador de atrizes. Mas a glória mesmo era ser dirigida por Billy Wilder. Em *O pecado mora ao lado* (*The seventh year itch*) - aquele da saia esvoaçante - Marilyn é a vizinha que guarda a lingerie na geladeira para enfrentar a onda de calor em Nova Iorque. Em *Quanto mais quente melhor* (*Some like it hot*) ela é Sugar Kane, cantora de uma orquestra feminina onde vão parar Jack Lemmon e Tony Curtis. Seu tipo estava pronto: lourinha ingênua que nem desconfia de seu potencial sedutor. Em *Adorável pecadora* (*Let's make love*, de George Cuckor) ela leva o estilo às últimas conseqüências, fisingando o príncipe encantado.

Mas para a indústria do cinema a vida de Marilyn atraía mais bilheteria que seu desempenho como atriz. Hollywood nunca soube o que tinha nas mãos. O único personagem que interessava era a mulher triste, bêbada e sozinha. Ela morreu e, aparentemente, Hollywood ganhou a parada. Mas hoje, quando a gente lembra do velho império, é Marilyn que surge, cantando, dançando e fazendo rir.

CÍNTIA CAMPOS

DOIS AMADOS EM JORGE



Para onde vai Jorge Amado? Ainda é difícil dizer. Como borboleta, Jorge Amado desentranhou-se de dentro de si mesmo, num salto acrobático que nem sempre deu bons resultados. Com 80 anos, ele virou uma espécie de santo guru da Bahia, e de modo merecido. É dos escritores mais lidos de toda a história do país, aqui no exterior. Seus livros identificaram o perfil de uma região, municiando de imagens e mitos nossa mídias; esse serviço que o escritor baiano acabou prestando tanto de aplicação político-cultural como de busca consciente da construção de um cartão postal.

Jorge Amado desenhou seu primeiro perfil como um aplicado militante comunista. Talvez aí esteja de fato o que de melhor produziu, sendo fiel ao espírito de uma época e ao espírito de um partido. Livros como *Jubiabá*, *Capitães de Areia*, *Mar Morto*, *O Cavaleiro da Esperança*, *Os Subterrâneos da Liberdade*, têm imagens muitas vezes duras e cediças, ou estereotipadas; mas guardam o viço de uma iniciativa, de uma iniciação literária, daquele momento em que dois rios afluentes se encontram e conformam um terceiro.

A literatura brasileira, seu padrão de público, o gosto deste, mudaram muito entre as décadas de trinta, quarenta e meados de cinquenta, passada a revolução modernista. Naturalismo na descrição, psicologia ousada mas simples para os personagens, uma certa libertinagem no palavreado, poucas porém presentes ousadias formais, enredo melodramático e tradicional, empenho político e social, olhar de diagnóstico médico: eis alguns dos ingredientes indispensáveis, junto com a cor local, do receituário da ficção brasileira que se fixa como dominante, em termos de consumo, ao longo destes anos, com Jorge Amado e Érico Veríssimo, cada um de seu modo, na linha de frente. Junto com eles criava-se também o perfil do escritor profissional.

Este Jorge Amado, que aí se desenhou nos braços do Partido Comunista, faz parte indispensável da nossa história literária. Depois, rompendo com o Partido em termos de militância, embora sempre se mantivesse próximo a ele nas simpatias, Jorge veio diluindo as linhas mestras das águas fortes que desenhara. Fez-se exótico dentro de sua própria terra; "adamou" o produto, como o vinho que se suaviza pela intromissão do açúcar. Está num pedestal, e merece nossas justas homenagens, sob a forma de uma crítica fundamental, respeitosa e rigorosa.

TRISTÃO DA CUNHA

OPÇÕES EM VÍDEO PARA QUEM NÃO ASSISTE CALADO

Além da Rede Povo e O Modo Petista de Governar você também pode pedir 1º Congresso do PT, 10 Anos do PT, Programa Nacional do PT, Verde Verdade, Balbina, Nicaragua, Telecurso Sindical, Vídeo Revista I-II-III. Solicite catálogo ou peça por telefone. Enviamos para qualquer parte do país.



PEDIDOS PARA

CAJA

AV. DR. ARNALDO, 128
CONSOLAÇÃO
CEP 01246-000 - SP - SP
Fone/Fax 259-8380



Era um garoto, que como eu...

Esse alagoano vai ser o primeiro "cordeirinho" que nós "lobos" vamos matar

MARISA CAUDURO/TV CULTURA

Um mergulho e vapt&vupt, ele acabou na cadeira de rodas. Ficou paraplégico, mas não parou de navegar. É hoje um dos escritores brasileiros mais conhecidos. Seu primeiro livro (já está no quarto), "Feliz Ano Velho", escrito aos 20 anos, abriu as portas para o autor, Marcelo Rubens Paiva, agora com 33 anos.

Colégios pagavam por suas palestras para a garotada. A Folha de S. Paulo o tem na Folhateen, às segundas-feiras. Agora, roda na cadeira de rodas comandando Fanzine, um programa da TV Cultura para a juventude. Vai ao ar, ao vivo, de segunda à sexta-feira, às 20h30. Marcelo Rubens Paiva foi entrevistado por Lilian Maria Vieira Belei, e Sérgio Canova.

Juventude e drogas: opção ou falta de opção?

Acho que opção. A juventude tem muita coisa para fazer, não é entediada como nós. Para ela, sobra tempo para ler, ir ao cinema, participar de organizações da escola, fumar maconha, cheirar cocaína. Se eu fumar maconha, fico três horas fora do ar, tomar um ácido lisérgico é um dia inteiro. Não tenho tempo para isso, trabalho feito um condenado.

Juventude e sexo... camisinha aos 13 anos ou espinha na cara?

Ah! camisinha. O maior grupo de risco da AIDS hoje é dos adolescentes. Acham que por estarem iniciando a vida sexual estão imunes a qualquer tipo de contágio. A camisinha entrou para ficar; hoje as pessoas têm que conviver com relacionamento sexual com lubri-

ficante, látex, proteção.

O jovem de hoje tem uma identidade?

Não. Está como nós, o Brasil, o mundo, sem identidade. O mundo era muito fácil até a derrubada do muro de Berlim. Você era de esquerda ou de direita. Hoje não existem essas facilidades para as pessoas se encontrarem. As pessoas tentam se encontrar por valores individuais que precisam ser mais cultuados: conhecimento, cultura, religião. Há indivíduos que passam uma temporada no santo daime e, no segundo ano, estão noutro tipo de seita. Está muito difícil para o jovem se encontrar dentro de um mundo confuso.

Shopping center também é cultura?

Lógico que é. Tem livraria, cinema, sorvete. Adoro sorvete e sorvete também é cultura.

Comprar roupa também é cultura. Escolher roupa é um preconceito construído pela nossa geração e que a nova está demolindo. Nossa geração se vestia mal porque achava que isso era contra a sociedade de consumo. Cultura é o cara escolher um casaco de couro para ser semelhante ao Marlon Brando ou James Dean.

Como é reconstruir um projeto de vida?

Todos nós reconstruímos. Os indivíduos se casam, separam, têm filhos, perdem filhos quando vão embora, perdem membros do corpo. A minha maneira foi bastante radical, talvez por isso o meu livro *Feliz Ano Velho* tenha sido tão lido. As pessoas tentavam buscar ali mudanças na vida que têm no dia-a-dia.

A revolução sexual existiu ou se restringiu aos meios de comunicação?

Claro. Sou exatamente o limite de uma geração em que os homens transavam a primeira vez com prostituta e as mulheres com o casamento ou depois dos vinte anos. Foi a mulher que fez a revolução sexual. Descobriu que o homem transava antes do casamento, tinha seus bordéis, prostitutas, secretárias, amantes. A mulher também se sentiu no direito de tê-los antes de se casar e de se "prender" a uma pessoa.

Num artigo na Folhateen, você deixa transparecer que perdeu a virgindade com um travesti...

Uma famosa prostituta, chamada Marlene Costa, atendia garotos da classe média de São Paulo em seu apartamento. Era muito atenciosa com garotos que transavam pela primeira vez. Mas, na transa, só bunda e sexo oral... De repente, se soltou o boato de que era travesti. Ela sumiu e todo o mundo ficou sem saber se era homem ou mulher.

Você continua dando pa-

lestras para meninada de escolas?

Parei por causa do programa na TV Cultura. Fiz palestras para todo o tipo de escolas, num projeto da Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo. Tinha desde garotos pobres até da burguesia. Era o meu lado idealista, de levar a literatura para a juventude, de tirar um pouco essa fantasia de que jovem não lê. Debatíamos temas de interesse nacional, da ditadura militar, que eles não conheciam, de Deus, religião.

A juventude é reacionária. Está mais para casar de véu e grinalda ou é mais poligâmica?

Dessa juventude, graças a Deus, não se consegue traçar nenhum perfil. Existem aqueles que querem se casar com véu e grinalda e os que têm um monte de amantes. Há os politizados e os completamente alienados, assim como há punks e caipiras. Isso é um dado que perturba nossos publicitários, que não conseguem traçar um perfil da juventude. Acho ótimo, porque quanto menos souberem como a juventude é, melhor para ela.

A juventude é mística?

A juventude descobriu o misticismo, uma válvula de escape para as pessoas tentarem se encontrar e negarem o que foi construído. Um dos jargões dos místicos é que eles nunca são levados a sério. Isso fascina a juventude. Como está difícil para os jovens se situarem num mundo sem ideologias, eles se apegam a essas formas simplificadas. O sucesso do livro do Paulo Coelho é exatamente isso.

A esquerda é preconceituosa com o misticismo?

É, porque o misticismo é contra tudo o que Marx pregava. As prioridades da esquerda eram os problemas materiais: casa, comida, educação. Mas acredito que a esquerda não acabou, que o comunismo

não morreu. Acho que vivemos um intervalo histórico para chegarmos ao verdadeiro socialismo. A história provará que o socialismo é o melhor sistema de convívio entre as pessoas.

As meninas têm preconceito em dar em cima de um paraplégico?

Pelo contrário. É corrente entre os paraplégicos que muitas mulheres têm curiosidade em saber como é a vida sexual de um deles.

O que levou a TV Cultura a produzir um programa comandado por um paraplégico?

A TV Cultura é muito corajosa. Por ser estatal, não sobrevive da audiência, das agências de publicidade. Uma emissora comercial dificilmente teria um paraplégico, pois os publicitários são uma classe reacionária: não colocam negro, aleijado, homossexual para fazer um comercial. Sempre trabalham com aquilo que não produz risco para seu produto.

Onde você quer chegar fazendo esse programa?

Me seduziu a idéia de um paraplégico comandar um programa. Quero que minha cadeira de rodas seja bastante mostrada, para ajudar a diminuir o preconceito de que somos imóveis, pedintes de farol de trânsito. De repente, me vi seduzido em discutir literatura, dramaturgia, sexo seguro, às oito e meia da noite.

O que é Fanzine?

É um movimento que surgiu nos anos 80, de tribos e grupos de punks, darks, heavy-metal, que não tinham seus temas abordados pela grande imprensa. Faziam os *fanzines* que eles mesmo vendiam para os amigos. Nosso programa tem o caráter de um jornal meio xerocado, com temas que não são abordados pela grande imprensa, uma página quase suja.

Se você fosse o PC, farias o que ele faz?

(Risos.) Dá uma tentação aquele dinheiro todo, né? O PC passou dos limites. É fantástico o que está acontecendo, porque esse alagoano vai ser o primeiro "cordeirinho" que nós "lobos" vamos matar, para tirar esse câncer do Brasil que é a corrupção. Vai ser o começo de uma transformação.



BRASIL AGORA

